

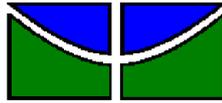


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DA
ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO
DISTRITO FEDERAL.**

ELEN MARIA DA COSTA

BRASÍLIA, MARÇO DE 2013.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DA
ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO
DISTRITO FEDERAL.**

ELEN MARIA DA COSTA

BRASÍLIA, MARÇO DE 2013.

ELEN MARIA DA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DA
ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO
DISTRITO FEDERAL.**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Lúcio França Teles
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, 05 MARÇO de 2013.

ELEN MARIA DA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DA
ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO
DISTRITO FEDERAL.**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Lúcio França Teles

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, 05 Março de 2013.

HOMENAGEM

A minha família e a todos que me proporcionaram momentos de alegria, de reflexões e de amor. Aos que me deram a possibilidade de sonhar e principalmente de tornar-los realidade. Enfim, a minha homenagem também aos que junto comigo sonharão e terão desejos sinceros de lutar por uma sociedade com cidadãos conscientes e solidários.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar saúde, sabedoria e perseverança todos os dias da minha vida.

A minha mãe Maria de Lourdes, minha amiga, companheira, meu orgulho e fortaleza. Agradeço pelo seu amor doce, verdadeiro, incondicional e por sempre estar ao meu lado me incentivando e me apoiando em todos os momentos.

Aos meus irmãos Elisângela, Erlan, Edson, Elenara e Elizandra, que são partes muito especiais de mim, por todas as vezes que sofreram e sorriram junto comigo durante a transposição de todos os obstáculos que insistiram em se interpor entre a minha pessoa e a realização da graduação.

Ao Eduardo, meu esposo, amigo e companheiro, que não mediu esforços para que eu completasse mais essa etapa da minha vida, agradeço-te pelo amor, dedicação, incentivo, força e por me passar a certeza de que posso contar com a sua presença em todas as situações.

A professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho, por ter aceitado o desafio de me orientar e mais que isso, acreditar em minha capacidade e fazer com que tudo parecesse simples. Uma professora profundamente sensível que dá vida aos nossos sonhos e nos mostra que eles podem se tornar realidade.

A todos os professores, funcionários e colegas da Faculdade de Educação que compartilharam comigo suas dúvidas e conhecimentos e desta forma me ajudaram a construir um pensamento crítico, consciente e me fizeram ver que educação é algo especial.

Aos amigos que estão perto e aos que mesmo longe, me incentivaram e apoiaram a buscar meus objetivos.

Obrigada a todos vocês que sonham comigo.

COSTA, Elen Maria da Costa. *Reflexões sobre a Educação Popular na perspectiva da Economia Solidária: relato de experiência pedagógica no Distrito Federal*. Brasília-DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2013.

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem do contexto histórico da Educação Popular e reflete sobre a importância do assunto diante de um novo olhar. Utiliza para isso, os princípios e ideais de igualdade e cooperação sustentados pela Economia Solidária, que surge como resposta as consequências causadas pelo capitalismo. Neste contexto, inicialmente foi buscada a identificação das falhas que ocorrem no processo educativo que desconsidera a importância da educação popular na vida dos indivíduos de uma comunidade e no fato de que a escola é um espaço destinado tão somente a oferta da educação tradicional, um ambiente que possui apenas a função reprodutora de conhecimentos. Ciente do fracasso de uma educação que não se pautou em função de uma formação emancipadora dos sujeitos, no presente trabalho, lanço mão de minhas experiências com os projetos III e IV desenvolvidas durante a graduação e as práticas pedagógicas com Educação Popular, com intuito de evidenciar a importância de uma educação para formação crítica dos sujeitos e comunidade, onde tenham a oportunidade de descobrir que é possível construir uma sociedade melhor e mais humana, através da cooperação e solidariedade.

Palavras-chaves: Educação Popular, Libertadora, Autogestão, Cooperação Economia Solidária, Autonomia.

Não acreditemos nos que afirmam, Com a hipócrita entonação, Que a vida é assim mesura: - uns pouco podendo muito, milhões nada podendo. Nossa fraqueza não é virtude.

(Paulo Freire, 1971)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
-------------------	----

PARTE I

MEMORIAL: PEQUENO E GRANDE COMEÇO

ONDE TUDO COMEÇOU	15
ENSINO MÉDIO A DÚVIDA.....	19
O SONHO DE ENTRAR NA UNIVERSIDADE.....	20
RUMO AO DISTRITO FEDERAL E UNB.....	21
O QUE ME LEVOU A PESQUISA.....	23

PARTE II

MONOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO DISTRITO FEDERAL

INTRODUÇÃO	26
------------------	----

CAPÍTULO 1 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR

1.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL	28
1.2 O PARADOXO ENTRE LEGISLAÇÃO PARA EDUCAÇÃO POPULAR. E SUA PRÁTICA	33

CAPÍTULO 2 A LUZ DE UMA OUTRA ECONOMIA

2.1 DA CONSTRUÇÃO AO FORTALECIMENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO.....	36
---	----

CAPÍTULO 3 RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA EM SANTA MARIA-DF

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE SANTA MARIA E SUAS DEMANDAS.....	43
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ONG- ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA (AASM).....	44
3.3 PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	45

3.4 SEGUNDA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: GRUPO DE COSTURA E RECICLAGEM.....	49
3.5 TERCEIRA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA GRUPO DO FUTEBOL.....	52
3.6 DO PLANEJAMENTO DAS OFICINAS TEMÁTICAS AO BALANÇO DOS RESULTADOS OBTIDOS.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	62
ANEXOS	64
PARTE III	
<u>PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL:</u>.....	72

APRESENTAÇÃO

A humanidade vem, há alguns séculos, vivendo períodos de constante turbulência. Desde que começamos a nos organizar em sociedade, a história tem sido contada a partir de inúmeras guerras e disputas territoriais e/ou “religiosas”, quase sempre movidas por fundamentalismos extremados. Parece não haver possibilidade de uma convivência harmônica. Ao longo da história vemos que a reprodução de papéis de oprimidos e opressores foi e continua sendo utilizada para justificar a constante luta de acúmulo de capital. Nesse perspectiva, uma nova ordem social vem sendo pensada, uma ordem que vai contra os atuais princípios econômicos e sociais defendidos pelo capitalismo, que acredita em relações mais humanas no âmbito social e principalmente do trabalho. Através desses princípios norteadores a economia solidária ganha face e força na sociedade excludente em que vivemos.

A sociedade capitalista na qual vivemos tenta formar seres iguais e pacíficos, sem desejos de mudança, tentando convencer-nos que tudo o que faz é o melhor para todos, pois, muitos se acomodam e passam a viver sem voz seguindo os padrões impostos, anulando a capacidade de ter um pensamento próprio e conseqüentemente, alterando sua personalidade. O papel da Economia Solidária - Ecosol - quando discutida dentro da Educação Popular - EP - é fazer o indivíduo seguir um longo caminho, criando e resistindo, às relações de poder e dominação as quais constantemente são submetidos.

A intenção da Ecosol pode ser entendida como uma contra proposta a economia capitalista, repensar a sociedade em modelos mais humanos e solidários deve se constituir daqui para frente missão essencial aos indivíduos pertencentes a um mesmo grupo. Reflexão que deve ser obrigação de todo educador que acredita na possibilidade de criar uma escola mais democrática, cujos papéis de oprimidos e opressores sejam verdadeiramente extintos e prevaleçam os princípios de igualdade e solidariedade.

É importante salientar que os ideais de uma sociedade capitalista são extremamente difíceis de serem erradicados, por isso é necessário repensar nossas concepções e condutas como reprodutores frente a valores, normas e padrões pré-estabelecidos para que nos tornemos cidadãos livres e autônomos.

Portanto, é necessária uma melhor qualificação dos educadores que auxiliam os sujeitos nessa tarefa de construção de uma sociedade que respeite as diversidades e veja no dinheiro apenas um meio e não o fim. Estimular discussões que leve a sociedade, em um contexto mais amplo, e educandos, num contexto mais restrito, a reflexão sobre questões que lhes são impostas. É um passo importante para o fortalecimento dos princípios da Ecosol em uma sociedade sofrida pelas práticas do capitalismo.

Sob essa óptica, este trabalho aposta na difícil tarefa de discutir sobre os aspectos essenciais da Ecosol através de um olhar crítico na ONG Associação Atlética de Santa Maria, na cidade do entorno do Distrito Federal, Santa Maria. Destacando a complexidade de praticar a Educação Popular em uma comunidade atingida pelas mazelas do sistema capitalista. O trabalho não tem pretensão de apresentar soluções para todos os problemas desta comunidade, mas sim empenhar-se a fazer uma reflexão sobre as condições e concepções da mesma, para que os sujeitos possam reformulá-los, agindo com autonomia para solucioná-los. Procurei construir um significativo referencial histórico e teórico, além de apresentar minhas experiências práticas com a Educação Popular em Santa Maria. O mesmo está organizado em três partes principais.

A **primeira parte** apresenta um memorial socioeducativo, do qual constam fatos de minha trajetória socioeducativa. Momentos significativos que antecedem a educação formal, mas que se configuram em uma importante fase da minha educação. Construo esta trajetória até meu ingresso na Universidade no curso de Pedagogia e a escolha do tema deste trabalho.

Na **segunda parte** abordo as “ Reflexões Sobre a Educação Popular na Perspectiva da Economia Solidária: Relato de Experiência Pedagógica no Distrito Federal”, procuro apresentar um referencial histórico que permitirá ao leitor acompanhar como se deu o processo de consolidação da educação no Brasil. Assim, como elaborei um referencial teórico que servirá para compreensão de como se dá o processo de emancipação através de uma educação libertadora nos moldes da Ecosol.

No decorrer dos capítulos busquei construir relações para que o leitor pudesse situar-se dentro da problemática proposta. No primeiro capítulo apresento um breve histórico de EP no Brasil que nos mostra as diversas lutas, avanços e conquistas, que tivemos, entretanto faz-se necessária uma apropriação, por parte dos sujeitos,

da capacidade de mobilização e organização coletiva com intuito de alcançar um objetivo que seja importante tanto para comunidade como para o pessoal.

No segundo capítulo busquei apresentar um histórico da construção e consolidação da Economia Solidária no Brasil e suas implicações na educação. É possível, nessa parte do trabalho, destacar que é de fundamental importância para consolidação da EP, e para formação de sujeitos solidários capazes de trabalhar através da dádiva, dar e receber, sempre levando em consideração seus princípios.

No terceiro capítulo busquei apresentar um pouco do histórico de uma ONG, organização não governamental, que é responsável pelo processo educativo, voltado particularmente para Ecosol, na comunidade de Santa Maria - DF, por intermédio de atividades culturais, esportivas, de alfabetização de jovens e adultos e cursos profissionalizantes. Nessa associação, tive a oportunidade de trabalhar em conjunto com membros sociedade local. Essa experiência pedagógica, ocorreu durante três semestres, onde foi possível produzir relações de trocas entre alunos e professora da UNB, comunidade e associação, com intuito de demonstrar a importância da valorização da educação não formal na vida dos envolvidos, pois os mesmos tiveram a oportunidade de descobrir que é possível construir um mundo melhor.

A **terceira parte** consiste em uma breve produção sobre as minhas perspectivas de atuação profissional como pedagoga, com reflexões a cerca de meus projetos futuros na luta por uma educação de qualidade.

PARTE I
MEMORIAL

PEQUENO E GRANDE COMEÇO

O PEQUENO E GRANDE COMEÇO

ONDE TUDO COMEÇOU

Nasci no mês de Junho de 1981, em Tefé no Estado do Amazonas, no hospital São Miguel. Aos cinco anos de idade minha mãe me levou para creche Criança Feliz. Ela trabalhava na parte da tarde e meus irmãos estudavam nesse horário, não tendo ninguém para ficar comigo. Com seis anos ingressei na alfabetização em uma escola pública chamada Antidio Borges Façanha. Era uma escola não muito próxima à minha casa. Lembro-me que minha mãe me levava pela manhã. Íamos caminhando e às vezes eu chegava à escola cansada, mas, gostava de ir para as aulas. Estudava com uma prima, Jancimara, éramos como irmãs. Não me recordo o nome da nossa professora, mas lembro bem do aspecto da escola, que tinha uma estrutura física pequena, porém, bem organizada. Ao fim do ano me formei no pré e tiramos naquele momento uma fotografia. Estávamos vestidas de flor, para apresentação de uma peça teatral chamada “A Linda Rosa Juvenil”. Ainda tenho essa foto, aquele momento foi muito importante. No fim do pré eu já conseguia escrever meu nome. Fiquei empolgada quando comecei a ler e escrever.

Comecei a fazer a 1ª série do Ensino Fundamental na Escola Estadual São José. Estudei nessa escola até a 7ª série do Ensino Fundamental. Não me recordo muito da 1ª série, mas tenho uma foto sentada em uma mesa segurando um diploma e ao fundo da foto uma bandeira do Brasil. Já da 2ª série tenho ótimas lembranças, começando por minha professora Socorro que era muito calma, tranquila e explicava muito bem o conteúdo. Admirava muito essa professora, queria ir passar as tardes na casa dela, mas minha mãe não deixava. Já na 3ª série mudou a professora, fiquei muito triste, o novo professor era mais fechado, tínhamos muito respeito por ele. Adorava quando ele corrigia as atividades no caderno, pois, escrevia muitas frases de incentivo como: você vai longe! Continue assim! Parabéns! Você é especial.

O professor José Alves marcou minha vida apesar do jeito meio carrasco, não era muito de brincadeira. Contudo foi muito importante. Comecei a gostar de matemática por influência dele que tinha paixão pela matéria. Ao chegar da escola, almoçava e ia brincar de escolinha com minhas irmãs e primas, eu claro, era a professora, corrigia os cadernos das alunas do mesmo jeito que o professor corrigia e com as mesmas frases, na hora do recreio brincávamos muito. Um dia chegamos

à escola, antes da aula começar, quando a mãe de um colega chegou chorando a procura do seu filho que não tinha dormido em casa. Ficamos apavorados com o episódio. O menino tinha dormido na casa de um amigo e não tinha avisado aos seus pais. O professor, o diretor, os pais e o aluno foram conversar em uma sala reservada.

Na 4ª série continuamos a estudar com professor José Alves que ministrava aulas de Português, Estudos Sociais, Artes e matemática. Cantávamos e interpretávamos muitas músicas na hora da aula de Artes sempre voltadas a valorização da nossa cultura e preservação da região. A música “Amazônia é Brasil” me faz lembrar o passado, família, infância, sítio, escola, respeito, trabalho, garra, orgulho a cultura regional:

Amazônia é Brasil
(Raízes Caboclas)

Em plena selva, Brasil ao vivo, vive uma gente
gente que é nossa, lida na roça,
gente valente
Vence a corrente - vence - do rio bravo
e faz da selva mundo vazio, cheio de amor

Na tarde quente, quase sem vento,
faz tacacá
apanha ingá, pesca piau, colhe o cubio
Tira do rio - tira - jeju, tambaqui
se a fome chega
tem mapati, licor de açaí

Não teme o frio, o rugir das feras - a jararaca
extraí seringa, derruba a mata,
vence a cascata
Mata serpente - mata
repele a fera
vive a quimera
Da selva, um deus
da selva, um deus.

Nossa turma estava cada vez mais unida. O professor fazia competição de matemática, onde competiam os meninos contra meninas. Às vezes ficávamos na hora do recreio estudando a tabuada, para quando o professor começasse a perguntar estaria tudo na ponta da língua. Meus irmãos diziam que na época deles se você errasse a tabuada levava uma reguada na mão do outro colega de turma que estava competindo com você.

No final daquele ano fizemos uma festa de despedida da 4ª série. O professor Zé ficou emocionado com a surpresa, nos agradeceu e mostrou que por trás daquele rosto sério, existia um homem sensível e amável. Este professor marcou tanto minha vida que quando completei 18 anos, minha mãe me deixou sair sozinha pela primeira vez para uma festa com minha tia. Como a casa do professor ficava na frente do clube onde íamos entrar, quando estávamos comprando os ingressos eu o vi olhando pelo portão e fiquei morrendo de vergonha. Parecia que estava fazendo algo errado. Até hoje o respeito como se fosse um pai.

No período da tarde para não ficar na rua, a toa, propicia a me juntar a más companhias, mamãe me matriculou na escola das freiras, nesta escola tinha aula de bordado, crochê, corte e costura, pintura, serigrafia na madeira, culinária, arranjos de flores, bolsas e outros, comecei fazendo crochê, depois fui para pintura e para confecção de bolsas.

Na 5ª série era tudo novidade, professores novos, alguns alunos da minha turma foram estudar em outras escolas entre outros acontecimentos. Descobri que o sino batia para os alunos entrarem nas salas de aula e na maioria das vezes havia troca de professores. As aulas pareciam que passavam mais rápido do que antes. Os novos professores chegavam se apresentavam e diziam que matérias iriam lecionar. Sempre fui uma aluna dedicada, nunca reprovei tinha facilidade com a matemática e dificuldades em matérias como história, pois, a considerava decorativa. Saía do colégio direto para casa, fazia as minhas tarefas da escola e ia brincar na rua, em frente de casa, com minhas irmãs e primas. Tive uma infância muito bem curtida.

Na 6ª série, não gostava da professora de ciências. Ela era muito chata e grosseira com alguns alunos, mas, tratava as amigas da filha dela com carinho. Achávamos que ela gostava dessas meninas porque seus pais tinham boas condições financeiras. Um dia chegou ao ponto de chamar uma aluna de burra. A

menina pediu transferência da escola e não fizeram nada em relação atitude da professora para com a aluna.

Em junho foi realizado a festa junina da escola, com comidas típicas e muitas danças regionais. Eu dancei no boi Garantidio, foi maravilhoso. No final da 7ª série, fiquei triste em saber que não teria 8ª série na escola. Estava acostumada com a turma e com os professores. Muitos alunos que estudavam comigo foram para um colégio longe da minha casa e somado a esse fato diziam que nesta escola era uma bagunça e muitos estudantes eram envolvidos em galeras (ganguê de rua). Então minha mãe decidiu me matricular na Escola Frei André da Costa, que era mais próximo da minha residência.

O ano não começou muito bom para minha família, pois minha querida e amada avó Cacilda não resistiu a um câncer no fígado, sofremos muito com essa grande perda. Já na escola nova tive oportunidade de fazer novos amigos e sonhar mais com meu futuro. Percebi também como a diferença social influencia no processo de ensino-aprendizagem. Na 8ª série conheci pessoas que tinham uma condição financeira um pouco melhor, se comparada a dos colegas da minha antiga escola, além do que eram alunos notadamente mais aplicados. Voltei a estudar com minha prima Jancimara que estudei na alfabetização. Lembro-me da professora de química que era o terror da escola. Os alunos criticavam muito a metodologia de transmissão de conhecimentos dela. Mas, uma coisa era certa, com ela ou você se dedicava ou ficava para trás. Os professores eram mais dedicados, nos incentivavam a estudar, experiência que me fez começar a pensar no futuro e a ter a certeza de que eu precisava de algo melhor. As amigas dessa época perduram até os dias de hoje.

ENSINO MÉDIO A DÚVIDA

No ano de 1997 ingressei no Ensino Médio com muitas dúvidas não tinha certeza se estava fazendo a escolha certa, na época os cursos eram profissionalizantes, Magistério, Contabilidade e Acadêmico. Conversei com meu irmão mais velho para que ele me explicasse um pouco de cada curso e me desse uma opinião sobre qual escolher. Disse a ele que não queria ser professora, na minha família tem muitos professores e sempre gostei da área de exatas. Então ele me falou para optar pelo curso de Contabilidade que era uma área muito boa. Em

contra partida, minha mãe queria que eu fosse ser professora como minha irmã mais velha.

Sabia que o Ensino Médio não ia ser fácil, primeiro porque a escola era bem mais longe da minha casa e eu teria que acordar mais cedo e tinha que ir caminhando. Não tínhamos dinheiro para pagar condução. No entanto eu tinha um objetivo e deveria enfrentar todos os obstáculos que aparecessem. O primeiro passo seria me dedicar mais aos estudos.

No dia de realizar a matrícula, fui à escola com a minha mãe. Eu estava curiosa a respeito da escola. Ao chegarmos fomos bem recebidas pela diretora que era vizinha e amiga da minha família. Ficamos surpresas com a estrutura da escola e um ponto positivo é que estava novinha, tinha acabado de ser reformada com salas de computadores, biblioteca e refeitório.

Enfim começou a 1ª série do Ensino Médio, novos professores, amigos antigos e novos, muita matemática e matérias novas, correria para fazer vários trabalhos e provas. No início foi difícil, pois, precisava de livros de Contabilidade e não tinha na biblioteca da escola e na cidade não existia livraria. Depois de um tempo meu irmão mais velho foi trabalhar em Manaus, de onde comprava e mandava os livros que eu precisava. Na hora que você precisa é que consegue ver o nível da educação brasileira, no interior do Amazonas era ainda pior, pois muitos alunos não tinham condições de comprar livros e não podíamos tirar xerox.

A cidade e os governantes locais não estavam preparados para uma educação de qualidade e o professor exigia que cada um tivesse o seu. Segundo ele, tínhamos que investir na educação. Desde o 1º ano pensamos no baile de formatura. Se começássemos logo a arrecadar dinheiro faríamos um lindo baile. Decidimos montar um lanche na escola, fizemos uma comissão de formatura e dividimos as tarefas de cada aluno. O pai de uma aluna nos deu a barraca, tivemos que aprender a fazer salgados, bolos, saladas, pizza. No meu dia de contribuição acordava cedo para fritar os salgados com a ajuda da mamãe.

Na 2ª série do Ensino Médio procurei instituições para um possível estágio, queria conciliar a teoria com a prática, naquela época não existia Universidade na cidade, os professores não eram comprometidos a ensinar para o vestibular e os alunos eram formados para o mercado de trabalho. Consegui um estágio em um frigorífico. Lá eu anotava tudo que entrava e saía, fazia balanço e resolvia serviços de banco, foi muito bom para meu aprendizado. No período da noite meu irmão mais

velho me matriculou na aula de informática. Fim do ano chegando e nós estávamos cansados com a correria, no entanto continuamos com a venda de lanche.

A 3ª série do Ensino Médio apesar das muitas dificuldades que apareceram com relação ao binômio ensino/aprendizagem foi uma série maravilhosa em relação ao convívio social. Reuníamos-nos nas casas dos colegas para fazer trabalhos, organizávamos apresentações e fazíamos pizza para o lanche. A turma era muito querida na escola. A melhor série de todo período escolar ficava para trás, mas as lembranças e os amigos nunca são esquecidos. Porém ficava a pergunta o que fazer agora? A cidade não possuía faculdade e minha mãe não me deixava ir morar em Manaus. Ela sempre disse que morar em casa de parente não daria certo. Sem muitas perspectivas acadêmicas tive que continuar na cidade de Tefé. Então decidi sair à procura de emprego. Mesmo sabendo que não iria ser fácil conseguir uma vaga, tendo em vista que na cidade, a demanda de emprego era pequena. Consegui, em uma loja de cosméticos.

O SONHO DE ENTRAR NA UNIVERSIDADE

Comecei a trabalhar no ano 2000. Minha vida se resumia em ir ao trabalho pela manhã voltava no finalzinho da tarde e tinha que ajudar a mamãe em casa a noite. Os estudos tinham ficado totalmente para trás, até sonhar era uma coisa distante. O ano de 2001 chegou e trouxe para população do interior o sonho de ter uma universidade na cidade. O governo implantou em alguns Municípios, Centros de Ensino Superiores com cursos de licenciatura. As vagas foram bem concorridas pois, Tefé era polo de outros Municípios como: Coari, Fonte Boa, Juataí, Alvarães, Uarini entre outros. As atividades acadêmicas se iniciaram em Agosto de 2001. No entanto eu não me inscrevi, embora estivesse esperando ansiosa pela faculdade, os cursos não me interessavam.

Mais um vestibular se passou e eu continuava parada no tempo, não tinham novos cursos, não queria fazer licenciatura, para cidade era uma área saturada. Perguntava-me onde empregariam tantos professores? A cidade não possuía muitas escolas e não existiam instituições particulares. Minha vontade era fazer faculdade de Turismo e trabalhar em parceria com a comunidade ribeirinha, visto que na cidade existe a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, que junto com a Reserva de Amanã e o Parque Nacional do Jaú, formavam a maior área de floresta tropical protegida do planeta. Este complexo, todos os anos recebe muitos

turistas na sua grande maioria estrangeira, o que sinalizava ser uma excelente carreira.

Alguns anos passaram e a faculdade de turismo, só na capital. Então no final do ano de 2005 decidi prestar o vestibular para Pedagogia e fui aprovada. Fiquei muito feliz com a conquista. As aulas começaram em março de 2006, estava muito ansiosa. Sabia que seriam quatro anos de muito estudo e dedicação. Conheci professores comprometidos não só com o ensino e aprendizagem dos alunos, mas também preocupados com o próximo, dentre os quais, cito a professora Assunta, sempre carinhosa, com suas mensagens de incentivo nos finais ou início das aulas, a professora Núbia apaixonada e fácil transmissora da língua portuguesa entre tantos outros.

A vida para mim ficou uma correria, pois, agora casada, tive que conciliar os estudos, a família e o trabalho. Estudava em muitas oportunidades até a madrugada. No primeiro semestre sofri muito com as apresentações de trabalhos. As aulas de didática me ajudaram a destravar um pouco. Fiz muitas apresentações teatrais em sala com os colegas, representei diferentes papéis, descobri as dinâmicas de grupo e fui ficando cada vez mais envolvida pela área.

Na disciplina de Educação Indígena, a professora Ignês, me levou a vivenciar a realidade ante então desconhecida. As aulas foram ministradas na Escola Indígena Santa Cruz – Comunidade Indígena kokama – Barreira de Baixo – Município Tefé. Íamos de caminhão do Exército. A Universidade não possuía condução que comportasse a quantidade de alunos da turma. Chegando lá, iniciávamos os debates sobre a educação intercultural nas escolas indígenas, tendo como princípio o respeito ao direito, à diferença e a sistematização do saber em função de suas demandas e necessidades. Foi uma experiência muito gratificante, pois, apesar de morar em uma cidade do interior do Amazonas, nunca tive oportunidade de adentrar e participar de atividades em sociedades indígenas

No Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST como em todo lugar havia adversidades. Tivemos disciplinas que o conteúdo, em minha opinião, não foi bem aproveitado, seja pela carência de pessoal especializado, o que fazia com que fossem contratados docentes não habilitados para ministrar determinadas disciplinas. Seja pela fraca intermediação entre professores e alunos, ou devido a falta de investimentos em educação por parte dos governantes e pela falta de cobrança da população em geral.

Desde o início do curso já pensava no estágio, queria unir a teoria com a prática, mas no currículo do curso só íamos à prática no sexto período. No entanto não via a hora de me formar e tentar exercer a profissão de Pedagoga. No mês de Agosto do ano de 2009, o que eu mais temia aconteceu. Por necessidade do serviço meu esposo foi transferido para a cidade de Brasília. Aí apareceram muitas dúvidas. Não sabia se eu estava preparada para trancar meu curso. Havia muita incerteza com relação ao término do mesmo. A certeza de que eu iria deixar meus familiares, amigos, colegas de aula, e o medo do desconhecido me assustavam bastante. Depois do meu casamento com um militar do Exército, sempre soube que um dia isso ia acontecer, mas não tinha noção que poderia ser tão logo e que eu iria sentir tanto.

RUMO AO DISTRITO FEDERAL E UNB

Em meio a despedidas, risos e choros, tivemos que partir rumo à Brasília. Assim que chegamos à capital fui a UNB fazer matrícula, mas a faculdade estava em greve, tive que ficar um período sem estudar. Retornei a faculdade no início do segundo período de 2010. Chegando a faculdade me senti um pouco perdida. No entanto encontrei vários outros estudantes na mesma situação. Em seguida recebi o sorriso acolhedor do Manoel do SAA (Secretaria de Atendimento Acadêmico), o qual foi e continua sendo sempre muito paciente em me ajudar a decifrar os códigos da linguagem utilizada pela secretaria. As orientações da professora Claudia Dansa que era coordenadora na época foram muito importantes na escolha das disciplinas, enquanto não saía o reaproveitamento dos meus estudos.

As primeiras impressões que ficaram do contato em salas de aula foram os olhares desconfiados dos colegas desconhecidos, as trocas de salas, e ainda os encontros e desencontros nos corredores, onde as pessoas mal se falavam e tão pouco se olhavam. A dinâmica do curso é diferente da outra faculdade, aqui podemos fazer nosso horário, escolher disciplinas de outros cursos, com isso em cada aula conhecia outra pessoa e fazia novas amizades.

A professora Maria Fernanda de Projeto I, apresentou toda a dinâmica do curso, estrutura da faculdade, biblioteca e a importância dos projetos. No Projeto II a professora Livia Borges com todo orgulho de ser pedagoga, nos mostrou a importância do profissional de Pedagogia e que não está restrito só à sala de aula,

podendo trabalhar como Orientador Educacional e Vocacional, em Empresas, Hospitais, Administradores, dentre outros.

Aprendi muito com a disciplina de OEB e Avaliação com a professora Girlene, com a Katarina de Administração das Organizações que é uma amiga. Libras trouxe a alegria da Edeilce, o tempo foi curto para aprender outra língua, mas o aprendizado foi excelente. Em Políticas Públicas pude admirar o discurso da professora Nara, dentre outras disciplina. Nenhuma das disciplinas que cursei foi inútil, pelo contrário cada uma me ajudou a formar um pensamento crítico.

Os professores da Faculdade de Educação são na sua maioria grande idealizadores, ou seja, lutam com toda sua força para que aquilo que acreditam seja divulgado. Nesses quatro anos encontrei-me com vários professores apaixonados por sua área de pesquisa.

O QUE ME LEVOU A PESQUISA

Ao longo do curso, tive dúvidas sobre qual seria o tema da minha monografia. A modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos) me chamou muita atenção. Fiz a disciplina com a professora Nirce que é a humildade em pessoa. Para conhecer um pouco mais sobre o tema, aprendi muito com os livros de Paulo Freire. Não pude ir adiante com o tema, pois o horário não era compatível com meu. Então, durante um jantar de confraternização conheci uma estudante de Pedagogia que me indicou fazer o projeto de Economia Solidária com a professora Sônia. O tema me chamou muita atenção, pois, na minha cidade participei de trabalhos sociais da igreja e gostei da ideia. Tive a chance de participar de várias palestras e fóruns sobre movimentos sociais e educação de jovens e adultos.

Conheci a professora Sônia nos corredores da faculdade. Conversamos um pouco sobre o projeto e, decidi me inscrever, no Projeto III em Economia Solidária. Desde o início, a Sônia nos passou a impressão que nos conhecia há muito tempo, e nos contagiou com sua empolgação, liderança, humanização e vontade de mudança, através da pregação de uma educação mais justa, solidária, e a esperança de uma sociedade mais crítica e consciente de seus direitos e deveres. Após esta vivência do Projeto III em Santa Maria, senti a necessidade de fazer uma análise mais profunda a respeito do papel do educador popular, bem como, uma

reflexão sobre algumas características da Economia Solidária com propósito de favorecer uma educação mais justa e solidária, principalmente no âmbito da comunidade.

Acreditando ter me encontrado no tema, fiz projeto 4 fase 1 e 2 e Projeto 5 em Economia Solidária voltado à educação popular. O ano de 2012 chegou me tirando muitas lágrimas, pois, sofri muito com problemas de saúde de familiares, bem como com a perda do nosso colega de aula Sr. Raimundo. Pessoa muito querida pela turma. Esses acontecimentos me abalaram psicologicamente, fazendo com que eu trancasse as disciplinas que estava cursando e fui passar uns dias com minha família em Manaus. Voltei a Faculdade com o espírito mais renovado. Agora com a sensação de euforia para o final do curso. Depois dessas experiências que vivi em Santa Maria com a Educação Popular e solidária, posso dizer que esta pode trazer varias transformação para a sociedade, não tinha mais dúvida de qual seria o tema da monografia. Então, decidi falar sobre Educação Popular na perspectiva da Economia Solidária, porque além de ser um tema rico e produtivo, contribui significativamente para minha formação não só como educadora, mas também como pessoa que é imprescindível para a conscientização e construção de uma nova sociedade.

Assim relatarei minhas vivências pedagógicas em Santa Maria no decorrer de 3 semestres dos quais faço uma reflexão embasada nos autores Moacir Gadotti e Paulo Freire.

PARTE II
MONOGRAFIA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DA
ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERÊNCIA PEDAGÓGICA EM SANTA
MARIA NO DISTRITO FEDERAL**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi pensado visando abordar a Educação Popular na perspectiva da Economia Solidária. A sociedade capitalista é responsável por gerar grandes mazelas especialmente às classes menos favorecidas. A Ecosol, nesse contexto, vem como resposta a esse sistema. Considerada de fundamental importância para a construção de uma sociedade mais solidária, principalmente no mundo do trabalho, possui características de criar um ambiente sustentável e justo, utilizando-se de representações sociais que visam o desenvolvimento econômico e a relação homem-natureza, que devem atuar em conjunto para a consolidação da emancipação.

A realização dessa pesquisa torna-se significativa especialmente para o grupo envolvido, comunidade, representante da associação, alunos e professora da UNB, nos permitindo uma instigante análise das concepções entre os educandos e educadores populares, em relação a temas que fazem parte de seu cotidiano.

Este trabalho visa repensar a EP como ela se apresenta em algumas realidades brasileiras e ao mesmo tempo relacioná-las as reflexões em torno das questões da Ecosol. Objetiva também situar os sujeitos envolvidos na EP através dos princípios defendidos pela Ecosol, incitando-os a repensarem e refletirem sobre a situação de exclusão a que atualmente são impostos.

Contudo, o principal objetivo foi construir um referencial teórico sólido que propiciasse aos participantes da EP uma reflexão em torno da importância da Ecosol e a contribuição da mesma na formação de uma sociedade mais humana, justa, solidária e equilibrada. Dessa maneira exponho o intuito de abrir espaço para o trabalho com os sujeitos numa perspectiva de emancipação e conquista de autonomia através da realidade dos mesmos e da reformulação e valores que lhes foram pré-estabelecidos.

Procuramos ao longo do trabalho desenvolvido com os educandos, introduzir os princípios básicos da Ecosol; fornecer elementos para introdução e sensibilização do tema; trabalhar com os resgate e percepção em relação as suas condições sociais; refletir sobre a questão do trabalho nas sociedades atuais; propiciar uma reflexão crítica em relação à sociedade capitalista e suas contribuições para as exclusões e desigualdades sociais; conhecer e refletir sobre a Ecosol observando as experiências e relatos das pessoas envolvidas em trabalhos voltados a Ecosol;

refletir e debater sobre a realidade em que vivemos observando as diferentes formas atuação dos grupos sociais.

A abordagem metodológica utilizada para atingir os objetivos citados acima, foi através da Pesquisa-Ação, que embasou nossa ida a campo durante três semestres. Os círculos de discussões e os encontros com os grupos foram de total relevância para consolidação das Oficinas Temáticas, pois com os relatos de moradores, professores e alunos de Santa Maria, foi possível perceber e conhecer as necessidades mais urgentes e colocarmos em práticas ações de melhorias. E possibilidades a serem repensadas através dos acertos e erros contemplados na experiência.

Em seguida, estudamos os trabalhos e contribuições de Paulo Freire com os círculos de cultura a fim de utilizar esta proposta durante as oficinas. Buscamos também contribuições de Gadotti para nortear a nossa formação e ações junto ao grupo em Ecosol. Após toda construção teórica, fomos à prática. No entanto, o presente trabalho não pretendeu contemplar a nobreza e riqueza dessas experiências, mas traz em seu interior a semente da transformação social.

CAPÍTULO 1

UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR

1.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL

Este capítulo pretende fazer uma abordagem histórica com intuito de resgatar a origem da educação popular e seu contexto atual, problematizando as leis vigentes.

O desenvolvimento e ascensão da Educação Popular estão ligados a Paulo Freire com suas propostas construtivistas, com uma concepção de educação, realizada por meio de processos contínuos e permanentes de formação de pessoas consciente, através da mobilização e organização de grupos e movimentos, para que pudessem transformar realidade em que vivem.

A proposta de reflexão a cerca da Educação Popular enquanto produto histórico do seu tempo implica muito mais que uma busca de conceitos, vai além, pois através de uma base sólida e suporte teórico, foi possível fazer uma análise sistêmica, retomando a origem da EP. Ao longo de sua trajetória, surgiram inúmeras interpretações e atribuições dadas a ela.

Antes de falarmos sobre Educação Popular, precisamos definir o termo “popular”. Que de acordo com Brandão (1984) “popular” é para o povo no sentido político. A concepção mais comum que encontramos, inclusive nos dicionários é como sendo algo do povo, para o povo, que atende às necessidades do povo.

A Educação Popular como conhecemos hoje se originou no século XIX, onde se destacaram no Brasil vários movimentos de iniciativa popular, protagonizado principalmente por pequenos roceiros, escravos, índios, homens livres excluídos, trabalhadores que recebiam pequenos salários, dentre outros. Estes se mostravam descontentes por toda a parte do País.

Na década de 40 o país vive uma efervescente redemocratização e o governo tenta incluir em seu plano de ação determinados movimentos populares, através de campanhas desenvolvidas em âmbito nacional visando à política. No entanto era marcante nos grupos e movimentos o pensamento de uma sociedade alternativa para o Brasil, e que ganharam força nessa época. Foi nessa fase que o educador Paulo Freire modificou o caráter apenas alfabetizador da educação popular e passou a trabalhar também com a conscientização crítica e libertadora. Já na década de 50

o entusiasmo que existia começou a diminuir, iniciativas voltadas à ação comunitária em zonas rurais não tiveram o mesmo sucesso, obrigando-os a fazerem mudanças na ideologia dos grupos que estavam cada vez mais recriminados pela falácia dos esquerdistas.

O Brasil viveu durante vinte e um anos em regime militar, iniciado com o golpe militar de 64, que resultou no afastamento do Presidente da República João Goulart. Fase esta que quaisquer sinais de movimentação democrática eram extremamente proibidos, e substituídos por iniciativas centralizadas pelo governo, um regime fortemente autoritário, marcado por violência e repressão. Vivia o país exatamente uma passagem de transição como nos mostra Paulo Freire:

Vivia o Brasil, exatamente, a passagem de uma para outra época. Daí que não fosse mais possível ao educador, então, mais do que antes, discutir seu tema. Todos os temas e todas as tarefas características de uma “sociedade fechada”. Sua alienação cultural, de que decorria sua posição de sociedade “reflexa” e a que correspondia uma tarefa alienada e alienante de suas elites. Elites distanciadas do povo. Superpostas à sua realidade. Povo “imerso” no processo, inexistente enquanto capaz de decidir e a quem correspondia à tarefa de quase não ter tarefa. De estar sempre sob. De seguir. De ser comandado pelos apetites da “elite”, que estava sobre ele. Nenhuma vinculação dialógica entre estas elites e estas massas, para quem ter tarefa seria somente seguir e obedecer. Incapacidade de ver-se a sociedade a si mesma [...] (1975, p.46-47).

Os programas de alfabetização e educação popular que se multiplicaram no período entre 1961 e 1964 foram vistos como uma grave ameaça à ordem e seus promotores duramente reprimidos caso de Paulo Freire que foi exilado, por ser considerado um elemento de extrema periculosidade. Nesse contexto Paiva (1983, p. 92), aponta que existia, por parte de alguns intelectuais, o receio de que a alfabetização transformasse os futuros alfabetizados, criaturas incultas em elementos anarquistas, tornando-os armas perigosas à sociedade e para tanto,

segundo esses intelectuais, era necessária uma formação moral a fim de controlar o “perigo” dessa “arma”. O país vivencia um empobrecimento crescente e um da classe trabalhadora e o enriquecimento da classe proprietária resultando na concentração do poder engrandecendo as elites.

Vale ressaltar que durante os anos 70, os movimentos de Educação Popular começam a se manifestar com grande expressão social, podemos destacar que cresceram consideravelmente, cada vez mais as pessoas saíam de suas casas e da condição de oprimido, em busca de serem ouvidos e respeitados. Motivados por necessidades de trabalho, saúde, cidadania e democracia. Dentro desta perspectiva Freire infere que:

Pouco a pouco, porém, a tendência é assumir formas de ação rebeldes. Num quefazer libertador, não se pode perder de vista esta maneira de ser dos oprimidos, nem esquecer este momento do despertar. (2005, p. 58)

No que se refere à Educação Popular é fundamental explicitar que as comunidades Eclesiais de Base (CEBs), as pastorais sociais, outros grupos/movimentos e o educador Paulo Freire, inspirados na Teoria da Libertação serviram de referencial para que os movimentos populares adotassem a Educação Popular, conforme afirma Souza:

A consolidação da Educação Popular se dá então com a emergência dos Movimentos Sociais que se organizavam a partir da luta contra a ditadura militar, com uma contribuição fundamental das Comunidades Eclesiais de Base, inspiradas na Teoria da Libertação. Neste sentido a Educação Popular foi impulsionadora dos processos de reorganização popular e, ao mesmo tempo, resultante deles, acabando por se consolidar como prática pedagógica dos próprios movimentos. (2003, p20)

O período que equivale à década de 80 marca o início da chamada Nova República. Com a promulgação da Constituição de 1988, fortaleceu a participação da população para lutar pela garantia de seus direitos. A volta de Paulo Freire, pós

permanecer no exílio por dezesseis anos. Já podemos ver de fato o tema educação relacionado à escola. Contrapondo-se a Teoria do Capital Humano e buscando superar a linearidade da relação entre trabalho e educação. Sob a ótica marxista de abordagem aos fenômenos educacionais, surgem propostas, como a da teoria histórico- crítica e da educação politécnica, cujo objetivo era uma educação voltada para formação do cidadão crítico.

Freire nos mostra que a saída da condição opressora, está no processo educativo problematizador que possibilita ao homem refletir sobre sua realidade oprimida e buscar através do diálogo constante com seus pares a superação desta contradição reconhecendo que está no mundo participando ativamente do processo de construção social. É nesse sentido que Freire (2005, p.79) afirma, “Já agora ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo [..]”.

De acordo com Brandão (2009) o diálogo pode criar no processo de construção do conhecimento, possibilidades para os sujeitos se compreenderem como em constante aprendizado e se assumirem responsáveis por ações que rompam com as diversas formas de opressão.

Neste processo de construção social, a EP tem seu lugar definido como, ação educativa voltada à compreensão da prática social, para transformá-la conscientemente na perspectiva da construção de uma sociedade democrática, de acordo com Paludo:

Admite-se e deseja, nestes novos tempos, que esta concepção de Educação Popular não seja adequada exclusivamente para os espaços não formais de educação. Aposta-se na sua capacidade de disputar na rede oficial de ensino, embora se admita que sua ressignificação e fecundidade sejam maiores nos espaços não formais [...] Considera-se que esta tarefa é mais fácil ser levada a efeito quando existem governos democráticos e populares, mas também quando eles não existem, admite-se a possibilidade, desde que os sujeitos educadores queiram orientar as praticas educativas por estas perspectivas se disponham “a entrar na luta” e a projetar e vivenciar um outro modo de fazer a educação das classes subalternas. (2001, p.206-207)

Neste contexto podemos destacar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 em seu art. 1º, que declara como ambiente educativo,

tanto a escola como espaços e movimentos sociais. Entretanto ainda é perceptível em nossa sociedade uma vontade de elevar-se a escola como lugar da educação em detrimento das potencialidades educativas dos movimentos sociais.

Tanto as escolas como os espaços educativos não formais, precisam pensar a educação no sentido político, visando um cidadão crítico e liberto. Brandão(2009) diz que o pensamento de educação passou por varias propostas, de individuo educado para o convívio social, educado para o desenvolvimento da comunidade, por fim o sentido verdadeiro a educação da comunidade por meio de seus indivíduos.

Segundo Freire (2005) concepção bancária de educação tem como foco apenas a formação do ser passivo que jamais questiona seu mundo. O rompimento com esta concepção de educação deve estar diretamente relacionado à emancipação, pois o homem deve construir seu ser a partir do comprometimento com a luta e a problematização da realidade. Portanto a educação concebida com objetivo de dominação tem contribuído para a formação e cristalização da consciência ingênua do homem, em contra partida a educação problematizadora é compreendida como a mudança.

Para que aconteça a transformação do sujeito e da sociedade, faz-se necessário a libertação do método capitalista do ser passivo e alienado, que se dedicam apenas a observar e reproduzir o que a elite estabelece. A libertação do sujeito é concebida através de diálogo com o outro e o mundo, da participação autônoma no processo de construção de conhecimento, tornando o ser crítico.

O embate entre as classes ganha nova identidade a partir da resignificação de vários grupos da classe trabalhadora, e social. Dentro desta perspectiva de busca por uma nova sociedade, surge a Economia Solidária, com alternativas de práticas econômicas e sociais, tendo como base o trabalho a autogestão, onde todos têm o direito de falar e escutar, e que aflore o conhecimento do povo e a solidariedade.

Nosso grande desafio como educadores transformadores é contribuir para que os educandos não sejam privados das possibilidades que a EP oferece, através das trocas de experiências e práticas mais humanas e solidárias. A escola deve dialogar a cerca das diferenças e a partir da realidade do aluno, para que possa ocorrer a transformação mais ampla da sociedade. De acordo com Freire (2003), não pode haver diálogo se não houver humildade e se não reconhece a possibilidade de uma constante troca com o outro.

Sabemos que é um desafio à escola inserir em seu contexto as propostas da Educação Popular, no entanto é de suma importância, pois não só integra ao currículo conteúdos interdisciplinares, como aprofunda a relação escola com a comunidade, contribuindo para gestão democrática e formação do protagonismo infanto-juvenil. Neste sentido Brandão (2009, p.99) destaca “Embora apresente novos desafios, a prática pedagógica fundamentada na concepção de educação popular só será garantida se assumirmos a sua dimensão política, estética e ética [...]”.

Com isso para que aconteça a libertação dos cidadãos é preciso que todos sejam beneficiados com uma educação de qualidade. Aliada a pedagogia da libertação a Economia Solidária vem possibilitar novas práticas e relações solidárias, fundamentada nos princípios do cooperativismo, onde o mais importante é o aprendizado.

1.2 O PARADOXO ENTRE LEGISLAÇÃO PARA EDUCAÇÃO POPULAR E SUA PRÁTICA

De um modo geral podemos dizer que as leis devem garantir os direitos de todos os cidadãos, a liberdade, igualdade, segurança e justiça dentre outros. Partindo do pressuposto que todo ambiente social é um lugar de ações educativas, logo toda ação tem efeito pedagógico, cujo mesmo permite uma compreensão do processo de imposição de regras a sociedade produzindo nas comunidades forças ligadas ao próprio grupo ou comunidade visando à resistência e sobrevivência.

Sabemos que no âmbito da EP relacionados às leis ligadas a crianças e adolescentes. Podemos destacar a, Lei Federal N° 9694 de 20 de Dezembro de 1996 O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os quais tratam dos direitos que devem ser revelados ou protegidos.

Faz-se necessário uma observação aprofundada sobre os elementos que contribuem para prática do educador popular. O destaque é a partir do debate da constituição da LDB e do ECA. Com a devida cautela sobre o efeito gerado nas ações educativas de redes das comunidades e sociedade em geral, revelam-se também a tradição dos movimentos sociais de educação nos anos 80. A esse respeito Freire infere que:

O dialogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua historia social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar novos saberes que, desnudos, vão mostrando sua “incompetência para explicar os fatos. (FREIRE,1996, p.49)

Vale ressaltar que os suportes legais, tanto da LDB como o ECA foram concebidos através de uma mobilização social, por meio de intensos debates, em diferentes áreas, dos quais levou à sua publicação. No entanto, o resultado desses processos não foi o mesmo, com a finalidade de responder aos anseios dos envolvidos no conflito.

Ao analisarmos a história das leis, podemos perceber que estas, de maneira geral, são propensas a simbolizar os interesses dos grupos dominantes “elite”. Isto ocorre devido ao fato das leis exercerem uma relevante função na conservação da ordem e da estrutura de domínio constituídas, favorecendo a organização desequilibrada e desonesta.

A capacidade de nos amaciar que tem a ideologia nos faz as vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou do destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detêm o poder. (FREIRE, 1996, p. 79).

Desse modo para Rizzini (1995), as leis quando legitimadas por grupos sociais devido ao envolvimento no processo de construção, realizam-se em um mundo ativo, no sentido da motivação para a consolidação das mudanças previstas na própria lei, estas, influenciam na atuação e comprometimento nos processos educativos em diversos âmbitos da sociedade.

Portanto a Economia Solidária faz uma ligação entre as leis com as práticas sociais para que aconteça a realização do processo de construção democrática da sociedade, através do comprometimento reflexivo dos sujeitos envolvidos, e busca a reconstrução coletiva dos currículos.

CAPITULO 2

A LUZ DE UMA OUTRA ECONOMIA

2.1 DA CONSTRUÇÃO AO FORTALECIMENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO

Neste capítulo foi realizada uma breve abordagem sobre o surgimento da Economia Solidária - Ecosol, para que se possa compreender as relações e dinâmica desta nova economia no Brasil e suas implicações na Educação.

A Economia Solidária é uma nova forma de relacionamento econômico, uma resposta a crise do trabalho causada pelo capitalismo. Aparece como uma forma de resistência às dinâmicas de exclusão social imposta pelo capitalismo. Através da implantação do capitalismo as relações de troca entre as classes, tornam-se ainda mais individualistas passando a beneficiar apenas um grupo, não mais o todo.

Segundo Singer (2002), a Economia Solidária propõe ser um meio de geração de renda e trabalho, favorecendo a inclusão social e como alternativa do sistema capitalista. Na Ecosol as pessoas poderão comprar, vender, reproduzir sem explorar ou serem explorados, sem levar vantagem sobre os outros, de forma mais justa e sem cooperação com o próximo.

É importante ressaltar que a Ecosol não surgiu no Brasil de uma hora para outra, mas sim, por sucessões de acontecimentos históricos. Ela ressurgiu no final do Século XX como resposta dos trabalhadores às novas formas de exclusão e exploração no mundo do trabalho. As mudanças estruturais, de ordem econômica e social, ocorridas no mundo nas últimas décadas, fragilizaram o modelo tradicional de relação capitalista de trabalho. Com o aprofundamento dessa crise abriu espaço para o surgimento e avanço de outras formas de organização do trabalho, consequência, em grande parte, da necessidade dos trabalhadores encontrarem alternativas de geração de renda.

Mediante as condições de vida geradas pela sociedade capitalista, que reforça a desigualdade de renda e uma injusta distribuição da riqueza, grupos de pessoas passam a se organizar para viabilizar os direitos à cidadania, por meio da integração social pelo trabalho. A luta pela sobrevivência nasce, assim pelo coletivo,

a partir de associações como os riscos de buscar coletivamente a renda para sustentar suas associações como de estivadores nos portos brasileiros, dos negros nos quilombos, dos sindicatos, na defesa e na busca de melhorias.

Segundo Singer (2002) não foram apenas os trabalhadores desempregados que participaram da construção e desenvolvimento da Ecosol. Ele destaca também a participação de entidades como a Cáritas, sindicatos e universidade, além da criação dos sistemas de incubadoras e cooperativas populares.

De acordo com o site do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), a Ecosol se expandiu a partir de instituições e entidades que apoiavam iniciativas comunitárias e pela constituição e articulação de cooperativas populares, redes de produção e comercialização, feiras de cooperativismo e economia solidária, etc. Atualmente, a economia solidária tem se articulado em vários fóruns locais e regionais, resultando na criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Hoje, além do Fórum Brasileiro, existem 27 fóruns estaduais com milhares de participantes (empreendimentos, entidades de apoio e rede de gestores públicos de economia solidária) em todo o território brasileiro. Foram fortalecidas ligas e uniões de empreendimentos econômicos solidários e criadas novas organizações de abrangência nacional. Neste sentido Singer argumenta que:

A economia solidaria é outro modo de produção cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual a aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica... (SINGER 2002, p. 10)

Considerando essa concepção, a Economia Solidária destaca quatro importantes características complementares, entendidas como categorias analíticas diferentes, mas que nunca funcionam isoladamente. Cooperação, autogestão, dimensão econômica e solidariedade.

Na cooperação destacamos a existência de interesses e objetivos comuns, união dos esforços e capacidades, propriedade coletiva parcial ou total de bens, partilha dos resultados e responsabilidade solidária diante das dificuldades. É à base do sucesso de qualquer grupo social. Como afirma Gadotti:

Na economia solidária devemos privilegiar o que nos une e não o que nos divide, devemos privilegiar a cooperação e a parceria e não a competição e a concorrência...o ato de cooperar é uma forma de trabalho em que muitos trabalham para o mesmo fim. A cooperação das pessoas no trabalho é um dos maiores avanços da humanidade (GADOTTI 2009, p.38-39)

Na autogestão é onde os participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses. A gestão é democrática, sendo que todos são os responsáveis pela sustentabilidade e sucesso do empreendimento. Outras relações são estabelecidas e fundamentadas no respeito, na igualdade, no diálogo e no companheirismo. Segundo Gadotti (2009) todos pensam , logo todos decidem, é mais do que um modo de produção é uma forma de viver melhor juntos.

Dimensão econômica é onde agregam os esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo.

E por último a solidariedade que tem preocupação permanente com a justa distribuição dos resultados e a melhoria das condições de vida dos participantes, comprometidos com o meio ambiente sustentável e com a comunidade, com movimentos emancipatórios e com o bem estar de trabalhadores e consumidores. É importante ressaltar que em um empreendimento econômico solidário são agregados todos esses princípios.

De acordo com Singer (2002) a empresa capitalista paga os salários baseados na produção de cada funcionário e visa sempre o lucro da mesma. Na empresa solidária os sócios decidem sobre as retiradas (salários), as quais variam conforme a hierarquia profissional. São os sócios também, que decidem sobre as sobras, que geralmente são transformadas em fundos divisíveis e fundos indivisíveis. Os fundos divisíveis são repartidos proporcionalmente aos sócios que deixam a empresa, enquanto os fundos indivisíveis constituem patrimônio da empresa.

Nos últimos anos, o apoio de governos municipais e estaduais a Economia Solidária vem crescendo. O número de programas de economia solidária tem aumentado. Com destaque para os bancos do povo, empreendedorismo popular

solidário, capacitação, centros populares de comercialização etc. Fruto do intercâmbio dessas iniciativas. Existe hoje um movimento de articulação dos gestores públicos para promover troca de experiências e o fortalecimento das políticas públicas de economia solidária. Os desafios para concretização desta economia são muitos. No entanto, é justamente diante dos desafios que desponta a necessidade de encontrar possibilidades para enfrentá-los.

É necessário definir as práticas de prioridades na elaboração das políticas públicas da Ecosol e programas nessa área. Seu crescimento requer não apenas mobilização social, ou um longo período de maturação histórica, mas, uma ampla ação em termos de políticas públicas.

À luz desses pressupostos, a Economia Solidária defende que o aprendizado desta nova sociedade deve ser um aprendizado na prática. Por isso surge a necessidade de desenvolvermos novas pedagogias, que criem situações de trocas de experiências onde aflore o saber popular e o reconhecimento deste, e que prevaleça nos grupos o sentimento de pertencimento, o cuidado pelo outro, onde a construção do vínculo se dê cotidianamente. Gadotti (2009, p.36) enfatiza que “as pedagogias clássicas não dão conta dessa nova realidade econômico - política que está se constituindo hoje”.

A educação não pode ser pensada sem levar em conta a realidade social do grupo ao qual irá atender, logo a educação é mediada pela possibilidade de trabalho que cada fase ou estrutura social irá exigir.

Na família camponesa ou operária pobre a criança não vai à escola porque a sua capacidade de trabalho é prematuramente solicitada desde que possui suficiente habilidade de coordenação motora para executar uma tarefa mecânica. E se, vai a escola, abandona o fim de um ou dois anos, porque a solicitação do trabalho que já pode oferecer aos 9 ou 10 anos.....(VIEIRA PINTO, 1997, p.71)

A educação deve ser analisada à luz de todas as implicações pedagógicas que podem decorrer do ponto de vista das disponibilidades sociais do trabalho. Consideremos que é inútil fazer apelos morais e campanhas de conscientização das famílias para que cumpram o dever e o direito constitucional de mandar as crianças para escola, realmente se constitua em dever, é preciso primeiro garantir que todas

as famílias tenham condições para isso. Nessa lógica a Ecosol vem para atuar na oferta de oportunidade e geração de renda para que as famílias tenham assegurado o direito à educação de qualidade na idade adequada.

Dessa forma a educação interage com a Ecosol e passa a ter um novo sentido. Agora para o bem social e não mais individual, onde todos podem ganhar e perder em igualdade e não há mais superiores e subordinados, todos tem os mesmos direitos e deveres, lutam em busca de um único objetivo, em sociedade e solidariedade uns com os outros. Nesse sentido Freire (p.49 apud SINGER/GADOTTI, 2009) “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, com isso todos aprendem e ensinam.

Assim, de acordo com Kruppa:

A economia Solidária tem que entrar na educação como fez a economia capitalista, que embebeu o conjunto das instituições no seu fazer, porque não é só a produção capitalista em si que deve ser mudada, é a produção e a reprodução da vida que devem estar pautadas por novos valores. A Economia Solidária é meio de um contexto social que propõe a igualdade de condições e o direito à diferença. Igualdade de condições que elimina a sociedade hierárquica, propondo uma sociedade marcada por relações democráticas, onde as diferenças entre os indivíduos possam acontecer sem gerar desigualdades. É, portanto, uma economia com defesa da igualdade e da inclusão de todos, não postulando, contudo, a defesa do idêntico. Uma economia que considera que as pessoas são diferentes e devem ter espaço para o exercício de suas diferenças. (KRUPPA, 2005, p.27).

A economia solidária busca trazer por meio da educação uma melhora na qualidade de vida das pessoas, especialmente dos que são explorados por sua força de trabalho. Ela procura mostrar às pessoas que seus valores, que o valor do trabalho tem muito mais importância que o capital, ela traz diversas alternativas para conscientizar e incentivar as pessoas a conseguir sua subsistência ou qualidade de vida sem ser explorado e sem precisar vender sua força de trabalho. Apesar de viver em um mundo capitalista, ela luta para mostrar que tem outro meio de viver e muito melhor, trazendo esperança e expectativa de vida para grande parcela da população.

Enquanto o capitalismo usa a educação como um recurso a mais para acumular riqueza, dominar as pessoas e o poder, a Ecosol preocupa-se não apenas com a fonte de renda das pessoas, mas principalmente, com as relações entre elas, o meio ambiente e o planeta. Por meio de práticas educativas, a economia solidária luta e acredita na busca por um país democrático, onde os sujeitos possam construir sua autonomia, como mostra Freire em Pedagogia da Autonomia. Onde cada um pode ser autor e construtor de sua própria história e cultura, que de acordo com Gadotti:

Em síntese necessitamos de uma economia que não coloque o mercado livre e o lucro como centro de tudo. Existem relações, recursos naturais, bem públicos, conhecimentos, educação e, sobretudo, os seres humanos, que não devem estar sujeitos ao mercado livre. Não é só de comida que todos os seres humanos precisam. Precisamos de dignidade, de poder para decidir sobre sua existência, precisamos de cultura, conhecimentos, saberes, tecnologias. (GADOTTI, 2009, p.120)

Devemos buscar mudanças e soluções, para que a economia solidária se estabeleça cada vez mais em nosso cotidiano. Só podemos revolucionar o nosso modo de existir no planeta, interferindo na lógica que o rege. A educação na Ecosol procura desenvolver a autonomia intelectual, moral e social. É uma educação comprometida com uma prática emancipatória e com um projeto democrático de sociedade.

CAPÍTULO 3

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA EM SANTA MARIA-DF

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Paulo freire

O presente capítulo abordará as experiências pedagógicas que ocorreram no projeto de Economia Solidária junto à comunidade de Santa Maria. Participaram da atividade, alunos da UNB, a professora Sônia e professores da ONG (Amparo presidente da Associação), moradores, administrador e colaboradores locais, com a proposta de agregar forças com a entidade que já faz um trabalho na comunidade. No decorrer do capítulo, serão apresentadas figuras de momentos desta experiência empírica.

A necessidade de refletir sobre a Educação Popular e Economia Solidária surgiu em 2011, quando comecei a participar do projeto III em Santa Maria. Na ocasião era tudo novidade. Particularmente não acreditava que dentro do Distrito Federal, próximo ao centro do poder, haveria tanta violência e exclusão social. Na minha concepção isso só acontecia nas regiões mais pobres do país, como o Norte e Nordeste, que é o que a mídia faz questão de colocar para população.

Entretanto, basta sairmos do Plano Piloto para que fique constatada esta triste realidade. Pessoas dormindo em filas de hospitais, de escolas, a falta de médicos, de professores e de merenda escolar. Pais que precisam trabalhar e os seus filhos ficam expostos a violência e as drogas, entre outros fatores. Nesse contexto surge o Projeto de Economia Solidária.

Iniciamos o semestre com encontros na UNB, onde foi apresentada a estrutura do Projeto e discutidos os princípios da Economia Solidária. Em seguida, partimos as atividades práticas. Saíamos da Faculdade de Educação aos sábado 08:30 da manhã e retornávamos as 13:00 no ônibus cedido pela UNB.



FIGURA 1

Os primeiros encontros foram realizados em uma escola. Foi um momento delicado para os integrantes. Estávamos ali para contribuir na prática com as ações existentes na comunidade, no âmbito social, econômico, popular e solidário, no entanto, a ausência da comunidade era nítida a cada dia. Foi então que em um dos encontros apareceu a presidente da ONG- Associação Atlética de Santa Maria (AASM). Percebendo que estávamos ali para somar e ajudar no fortalecimento dos cursos e atividades, nos convidou a participar do projeto. Surgiu assim a parceria entre a associação e a UNB com intuito de praticar na comunidade uma educação popular, solidária e autônoma, visando formar cidadãos conhecedores de seus direitos e deveres, além de comprometidos no processo de formação e aprendizagem. Neste sentido Gadotti afirma que:

Uma cidade pode ser considerada como uma cidade que educa, quando, além das suas funções tradicionais – econômica, social, política e de prestações de serviços – ela exerce uma nova função cujo objetivo é a formação para e pela cidadania. (2004, p.47)

Concordo com o autor, pois foi através do engajamento dos envolvidos em transformar Santa Maria em uma cidade educadora, que conseguimos desenvolver os trabalhos com princípios da autogestão, cooperativismo e solidariedade, como tipo ideal e norteador de nossas ações.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE SANTA MARIA E SUAS DEMANDAS.

Santa Maria é uma região administrativa do Distrito Federal que compreende as áreas da Marinha, Saia Velha e o Pólo JK. Localiza-se a 26 km de Brasília. No Distrito Federal, algumas regiões administrativas, como Santa Maria, são também conhecidas como cidades-satélites. A cidade é rodeada por dois ribeirões, que são eles: Alagado e Santa Maria, este último originou o nome da cidade. As primeiras quadras foram ocupadas a partir de fevereiro de 1991. Ocupando uma área de 211 km², a cidade possui uma população de quase 120 mil habitantes. O aniversário da cidade é comemorado em 10 de fevereiro. Surgiu oficialmente no mapa do Distrito Federal no dia 10 de fevereiro de 1993, com a publicação do decreto de nº14. 604.

O Núcleo Rural Santa Maria permaneceu como área rural da RAI - Gama até 1992, quando a Lei nº 348/92 e o Decreto nº 14.604/ 93, criaram a Região administrativa Santa Maria.

A cidade é fruto de um grande programa de distribuição de lotes realizado pelo governo do Distrito Federal. Assim como outras regiões administrativas do DF, Santa Maria nos primeiros anos, era dotada de pouca infra estrutura urbana, que aos poucos foi sendo consolidada. Hoje, a cidade tem quase 100% de asfalto. Recentemente a cidade teve inaugurado seu primeiro hospital público, o Hospital Regional de Santa Maria.

A comunidade tem uma delegacia de polícia civil; uma escola de educação especial; três escolas de educação infantil; seis escolas classes; setes escolas de ensino fundamental e quatro de ensino médio. Na área rural, estão os Núcleos Rurais Alagado, nos lotes 1 a 16 e Santa Maria, Áreas Isoladas: Água Quente e Santa Bárbara e Colônia Agrícola Visconde de Inhaúma, onde predominam a atividade agropecuária e a exploração de jazidas de cascalho.

Antes de irmos às vivências empíricas vamos conhecer o lugar que nos recebeu por 3 (três) semestres a ONG- Associação Atlética de Santa Maria(AASM).

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ONG- ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA (AASM).

Com os altos índices de violências e uso de drogas no local, a atual presidente da ONG, Amparo, fundou em dezembro de 1995 a ONG- Associação Atlética de Santa Maria, localizado na EQ 417/517 – Lote E, espaço cedido pelo governo federal. A Associação Atlética de Santa Maria, designada pela sigla AASM, foi fundada em dezembro de 1998, mas começou suas atividades em 1995.

A AASM nasceu com objetivo de retirar das ruas crianças e adolescentes, de 7 a 17 anos, acolhendo e evitando possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência. Através de atividades esportistas, culturais, de lazer e com cursos profissionalizantes.

Atualmente, atende aproximadamente 650 crianças e adolescentes nos seguintes seguimentos: futebol, karatê, capoeira, danças (hip hop, axé) entre outras atividades nas áreas de esporte e lazer. Além disso, oferece cursos de alfabetização de jovens e adultos, inclusão digital, manicure, cabeleireiro, bordados e reciclagem, formando grupos de geração de renda.

Nos últimos anos, a AASM tem conseguido com o projeto “Bola no Pé e Escola na Cabeça”, afastar as crianças e adolescentes das drogas. São em média 100 alunos participando, anualmente, de aproximadamente seis torneios e/ou campeonatos.

A associação tem realizado o seu trabalho, ao longo desse tempo, graças ao apoio e parcerias de instituições governamentais da Administração Regional de Santa Maria e Organizações Não Governamentais (ONGs), assim como a parceria com o Centro Comunitário Cora Coralina.

A sede da ONG possui várias salas, uma para o curso de salão de beleza, uma sala de informática, uma sala para crianças brincarem, uma sala administrativa, uma pequena biblioteca e um espaço grande onde funcionam os cursos de: costura, pintura e alfabetização, além de uma cozinha que prepara refeições para seus frequentadores.

3.3 Primeira Experiência Pedagógica:

- Educação de Jovens e Adultos

Os primeiros encontros foram para nos ambientar na associação, para conhecermos seus associados, colaboradores, pais, estudantes e a comunidade em geral. Em seguida, fomos divididos em grupos de trabalhos, que correspondiam às modalidades existentes no local, para que assim pudéssemos conhecer a realidade, problematizar e buscar melhorias para as atividades já desenvolvidas. As transformações da realidade individual e social só ocorrerão por meio da ação e reflexão (GUTIÉRREZ 1984).

Comecei com outros alunos da UNB no grupo da EJA, cujo mesmo estava passando por períodos de instabilidade. Ora as aulas estavam normais “tendo professor”, ora estavam “sem professor”. O responsável pelo grupo era o Manoel, morador da cidade Ocidental, que cursava o 7º semestre de Pedagogia. Em Santa Maria o projeto começou com duas turmas. Mas hoje só tem uma turma, com cerca de 30 alunos. As aulas acontecem de segunda a quinta. Durante os encontros o professor da alfabetização, nos passou uma imagem positiva do comprometimento dele para com os instruídos, nos relatou que trabalhava com o método Paulo Freire. Ele nos contou que próximo da associação existe uma escola do governo que tem aulas da EJA, no entanto os alunos não querem ir, pois dizem que os

professores os tratam iguais crianças e trabalham com educação bancária, segundo ele falta carinho e o compromisso de formar cidadãos críticos.

Manoel está se despedindo da turma, pois sem ajuda de custo, ele tem que desembolsar todos os dias o dinheiro da condução para chegar a Santa Maria, situação esta que já não tem como arcar financeiramente. Diante do exposto, pensamos em possibilidades sustentáveis, estratégias para que o curso continuasse sem dificuldades no futuro. Em conversa com os alunos da comunidade, nossas propostas não tiveram êxito.



FIGURA 2

A solução da situação, possivelmente, seria trazer exemplos práticos para o meio. É importante ressaltar que na Educação Popular dinheiro não é fator decisivo. Foi feita uma busca visando contar com a disposição de alguns parceiros. Tivemos a ajuda de um Banco público federal, que estava desenvolvendo um programa de alfabetização nas comunidades e abraçou a causa da associação. Neste programa, os educadores são trabalhadores voluntários do próprio Banco, e para completar essa parceria alguns alunos da UNB também participaram do curso de formação com duração de 40 horas. A partir daí os encontros do GT da EJA passaram a ser no turno da noite. Não pude continuar participando do grupo, pois estudava no período noturno. Continuei os estudos, em outros segmentos da ONG, aos sábados. Ao chegar à associação, durante as reuniões com todo o pessoal, eu procurava saber sobre o que estava sendo desenvolvido no grupo do EJA e os outros alunos me deixavam a par dos acontecimentos.

Os encontros continuaram com discreta participação da comunidade. Com isso pensamos em estratégias que envolvessem os moradores no fazer solidário. Em conversa com todos integrantes percebemos a necessidade de revitalizar o

espaço no qual acontece os projetos, tendo em vista, que o local necessitava de uma reforma. A partir daí fizemos uma lista do material a ser coletado. Cada um contribuiu com o que podia. Nós fomos às lojas locais e conseguimos arrecadar bastante material. Convidamos a comunidade em geral para dar sua contribuição na reforma seguindo os princípios da autogestão. Fizemos mutirões durante três encontros.



Durante esse período, de encontros, nossas refeições eram feitas na ONG. Alunos e professoras colaboraram para compra dos ingredientes e no preparo desses. Tivemos a cooperação de cozinheiras que fizeram com muita dedicação as guloseimas.

Terminada a revitalização, fomos organizar os espaços, pois estava tudo fora do lugar. Fizemos uma bela limpeza em todo o ambiente. Organizamos os livros na biblioteca, foi reformado o quadro que o professor utilizava nas aulas de alfabetização EJA e no salão de beleza ficou tudo funcionando. havia uma sala de informática sem computadores que encontrva-se fechada. Recebemos doações de computadores usados e alguns alunos colocaram tudo para funcionar. Hoje existe a aula de iniciação a informática. Um local que merece ser destacado nesse trabalho todo, é a brinquedoteca, pois agora, as mães, que muitas vezes não participavam das cursos por não ter onde deixar seus filhos enquanto estudam, podem trazê-los para a ONG, tendo em vista que já existe um lugar perfeito, com livros e brinquedos para eles possam ficar aprendendo enquanto elas se aprimoram.



FIGURA 8



FIGURA 9

A experiência de mutirão mostrou como é difícil trabalhar juntos, mas, com divisão de responsabilidade e respeito mútuo, foi possível melhorar o espaço físico da associação.

3.4 Segunda Experiência Pedagógica:

- Grupo da Costura e Reciclagem

Neste semestre a quantidade de aluno foi bem maior que no anterior, uma turma heterogênea. Os alunos ficaram sabendo por colegas nos corredores da UNB. O curso foi realizado todo em Santa Maria, aulas teóricas e práticas.



FIGURA 10

Ao longo do semestre, novos rostos foram aparecendo comprometidos a conhecer e participar desta outra economia. Como semestre passado revitalizamos a ONG, neste nosso foco era sustentabilidade ao grupo. Foram discutidos texto, a professora passou um vídeo de Paulo Freire, por Gadotti, que contribuiu no desenvolvimento das atividades realizadas. Durante o período de trabalho dos GTs (Grupos de Trabalhos), um conjunto de propostas foram discutidas e desenvolvidas, as que não foram implementadas, constituem o plano de trabalho que servirá de base para as atividades da disciplina do projeto.

As discussões sobre a necessidade de proposição de mecanismos que favoreçam a criação, o desenvolvimento e a expansão das iniciativas de geração de renda e trabalho, nos contextos locais, objetivaram motivar os moradores de Santa Maria a refletir sobre o reaproveitamento e reutilização de materiais.

O projeto inicial do GT era de desenvolver um trabalho cooperativo entre costureiras da comunidade. No primeiro encontro do grupo com a comunidade, apenas duas costureiras compareceram. Questionamos como elas ficaram sabendo sobre o encontro no sábado? Porque estavam participando do grupo de costura? A resposta foi, primeiramente, o interesse pelo microcrédito e depois pelo curso de modelagem para o aumento da renda familiar.

No círculo de conversa o Virgínio (colaborador) teve uma ideia muito legal para sustentabilidade do grupo da costura, propôs uma loja virtual, onde elas colocariam seus produtos a venda e nós UNB, entraríamos na confecção da loja e atualização da loja. Porém em conversa com as senhoras percebemos a vontade de trabalhar sozinha e não em cooperação e a solidariedade onde fica? É importante ressaltar que o sistema cooperativista se apresenta como uma alternativa para o desemprego estrutural, que se mostra como uma expressão do sistema societário em que vivemos.

Considerando sua maneira de organização autogestivária, estimando a subjetividade posta na relação humana, mediando à solidariedade como ponto chave para o sucesso do trabalho. Tendo como base para a concretização da autogestão, a educação, que não se limita em apenas alfabetizar e sim convida as pessoas a ver o mundo de maneira crítica, respeitando a individualidade de cada ser.

A partir desse encontro, foram pensadas algumas estratégias, juntamente com a professora Sônia e algumas mulheres da comunidade para que mais pessoas participassem do projeto aos sábados. As estratégias foram as seguintes: - Visitar o curso de costura, durante a semana, para divulgar o trabalho aos sábados. - Motivar a turma de costureiras a realizarem trabalhos cooperativos com objetivo de gerar renda com o trabalho em grupo. - Desenvolvimento de oficinas (bordado com fita, ponto-cruz, tapeçaria, patchwork, montagem de puxa-saco e bate-mão) para a comunidade.

Após várias tentativas em trazer a comunidade para participar das atividades oferecidas pelo GT de costura, decidimos adotar outro tipo de atividade que

despertasse o interesse dos moradores, então surgiu à possibilidade e necessidade de trabalhar a reutilização de material, pensamos em uma “Oficina de Reciclagem”. As oficinas foram inseridas no contexto das atividades pedagógicas realizadas com os frequentadores da associação: crianças, adolescentes e adultos que se dispuseram a contribuir com a coleta de garrafas pet para a realização da mesma.

O objetivo era promover um melhor aproveitamento do material reciclado, contribuindo para a formação crítica e consciente do indivíduo, do seu papel na sociedade, principalmente quando está voltada para a conservação e proteção do meio ambiente. Além de proporcionar uma atividade lucrativa para as festas de final de ano, pois fizemos árvores de natal de garrafa pet e puff.



FIGURA 11



FIGURA 12

Utilizar a técnica de reciclagem da garrafa pet como alicerce pedagógico, possibilitou aos presentes na oficina, uma experiência de cidadania concreta, colocando-os em relação com o mundo do trabalho e concebendo a possibilidade de interação com o mundo para transformá-lo. Através de experiências concretas e reflexivas a construção do saber no que diz respeito à lógica da vida profissional na realidade da qual estamos todos inseridos.

Para que haja uma ampliação da consciência acerca do reflexo que a sustentabilidade, o cooperativismo e a solidariedade irão gerar no meio ambiente, entende-se que é necessário, primeiro, uma noção de consciência coletiva, voltada não apenas a interesses individuais, mas levando sempre em consideração os impactos que a minha atitude “individual” vai gerar na coletividade.

É fundamental pensarmos uma proposta de educação que seja envolta de criticidade e possibilite aos sujeitos se perceberem enquanto seres pertencentes à natureza, ou melhor, enquanto natureza em si, para que tais pressupostos possam refletir uma nova postura e atitudes que reflitam não apenas uma mudança, mas uma transformação efetiva. Após as oficinas fizemos uma feira de trocas, cada aluno, professor e associados da ONG trazia algo para doar, foi arrecadado bastante material. A feira aconteceu em um sábado, apareceram vários expositores locais e da associação e as costureiras desfilaram com seus produtos.



FIGURA 14

FIGURA 13

3.5 Terceira Experiência Pedagógica:

- Grupo do Futebol

Esta fase do projeto IV iniciou conturbado, motivo? Greve na UNB, no entanto não poderíamos dar pausa no projeto em Santa Maria, pois nos esperávamos para dar continuidade nas atividades.

Neste semestre senti a necessidade de conhecer a realidade do grupo do Futebol, meninos e professor. Começamos os estudos no círculo de conversa (alunos da UNB, professora Sônia e professor Aroldo). O momento foi delicado, pois o senhor Aroldo desabafou conosco, que o grupo estava precisando de muitos materiais como: uniformes, bolas. Além desses por menores tem a situação das crianças, são meninos de classe baixa e sofrem por não terem boa alimentação em casa. Segundo professor, a maioria das crianças vai ao treino com fome, o mesmo não pode exigir muito durante as atividades, pois teme que alguma criança passe mal. A associação não tem condições financeiras de fornecer café. Além disso, na hora dos treinos aparecem olheiros de times maiores interessados em levar os melhores jogadores embora, os meninos ficam felizes com a situação todos sonham em ser um jogador de futebol famoso. O professor fica desanimado, pois perde seus melhores jogadores.



FIGURA 15



FIGURA 16

Durante a conversa citou que só participando de campeonato reverteria à situação. No entanto, quando há torneio não está podendo leva-los para competir, pois a documentação dos meninos não está em dia.

A partir daí pensamos em como faríamos para cooperar com o grupo antes que o mesmo se acabasse, a primeira coisa foi perguntar se a ONG já mapeou a vida dos alunos? Os pais conhecem a proposta? A resposta para as duas perguntas foi: não, a maioria dos pais não participa, mandam os filhos e não procuram saber onde estão. Foi assim que pensamos em primeiramente organizar a documentação dos alunos, visitar a casa de cada um, para conversar com os pais, para que conhecessem e participassem das atividades e estudos ofertados pela associação. Pensamos em cada sábado antes do treino, discutir um assunto com as crianças e adolescentes, que envolveriam oficinas e dinâmicas.



Como citei a cima, tínhamos todo um planejamento feito com ajuda do professor do grupo, nós alunos da UNB e os meninos, só faltava colocar nossas ações em prática, o que ficou um pouco complicado. Tendo em vista que com a greve dos professores da rede pública, teriam que repor as aulas aos sábados.

A partir desta realidade foi decidido reorganizar todo o projeto do grupo do futebol, em reuniões entre a Presidente da AASM, o Instrutor Aroldo, alunos da UnB e a Professora Sonia Marise. Na perspectiva da educação popular e economia solidária, o grupo deve proporcionar atividades lúdicas no contexto atual e a partir daí criar situações que favoreçam o diálogo, orientação e construção do conhecimento por meio de oficinas, e roda de debate a respeito de comportamentos específicos.

Nossos encontros teriam que ser bem objetivos, pois o tempo com as crianças era só de 30 minutos antes do treino, para nós já estava bom, se dependesse só do professor, não teríamos nenhum minuto, já que ele acredita que ensinar só futebol no momento era mais importante. Apresentamos como objetivo geral, Orientar as crianças (06 a 15 anos) em diversas temáticas cotidianas, ministrar palestras e oficinas lúdicas a partir daí inserir diálogos sobre assuntos acentuados - a respeito da vida social, ética, proporcionar momentos de aprendizagem e inserção cultural por meio de oficinas e debates. Propusemos como ações:

- Auxiliar o professor Aroldo com organização da documentação das crianças;
- Planejar e executar atividades lúdico-desportivas e contextuais;
- Promover encontros, palestras, oficinas orientados a criar oportunidades de diálogos a fim de orientar para a consciência coletiva e moral valorizando a infância e sua característica.

Diante dos impasses encontrados, o grupo teve um número menor de encontros aos sábados que o esperado, no total foi sete encontros.

- No Primeiro Encontro, conversamos com todos e depois fizemos uma dinâmica de apresentação de grupo, todos se apresentavam e falavam um pouco de si, já que muitos ainda não se conheciam, pois eram novos integrantes do projeto. Em seguida pedimos para que escrevessem em um papel em branco, uma tarefa que gostaria que a pessoa ao lado realizasse, contudo não sabiam é que quem realizaria a atividade era a pessoa que escreveu, ficaram surpresos, pois muitos tinham escritos para realizarem coisas ruins ou que deixaria constrangido perante os colegas. A moral da brincadeira foi “não faça ou deseje ao outro o que não gostaria para si, respeite o próximo”.

- Segundo Encontro - As crianças de 06 a 10 anos realizavam um trabalho na quadra com o grupo e os demais participavam do treino com o professor Aroldo no campo, assim:

Levamos um vídeo com objetivo de promover um debate sobre limites, fazendo com que os alunos se conscientizem de suas posturas, através da construção de um diálogo sobre o que é “certo” e o que não é apropriado. Para isso foi utilizado um filme em DVD, a TV e o DVD. Os alunos foram levados a uma sala e assistiram ao filme Dênis o pimentinha: uma aventura atrapalhada”. Antes do início do filme os

alunos foram orientados para se atentarem nos detalhes “o que o Dênis faz de errado” e “o que o Dênis faz de certo”.

Após o filme foi feito um debate dos pontos positivos e pontos negativos do filme, conseqüentemente da falta de limites do personagem Dênis. Foram levantados alguns pontos:

- O Dênis respeita os seus pais?
- É certo entrar na casa de quem tem gato como o Sr. Wilson, com um cachorro?
- Dênis é organizado?
- Como os pais de Dênis reagem quando ele faz alguma atrapalhada?
- Dênis agiu correto ao levar o cachorro para o refeitório?
- Quando Dênis está jogando bola ele acerta o Sr. Wilson, ele pediu desculpas?
- Como o Sr. Wilson trata sua esposa Marta?

Durante a discussão foi feita uma reflexão sobre os valores, os princípios e os limites que toda pessoa tem que ter. Os alunos foram estimulados a expor seus valores e refletir se algumas de suas características são parecidas com as negativas de Dênis e o porquê disso. Foi questionado se quem faz muita coisa errada pode mudar. Os alunos foram avaliados quanto à participação, envolvimento e entendimento do tema.

- Terceiro Encontro chegamos a ONG 09:15, fomos logo ao encontro das crianças. Com objetivo de retomar as questões éticas e morais, trabalhar direitos e deveres, identificar relações de afeto, tanto no meio familiar como social. Foram passados vários vídeos com temas: direitos da criança, ajudar ao próximo, demonstrar afeto, respeitar o outro, aceitar as diferenças, saber ouvir, bons hábitos na escola. Cada vídeo que foi retirado do site do youtube explica primeiro como é na natureza e como podemos ser também. Depois de ter assistido todos os vídeos os alunos debateram sobre os temas. Os vídeos subsidiaram uma rica discussão sobre vários temas que os ajudaram a formar uma opinião crítica e a refletir sobre sua postura no cotidiano escolar.

- Quarto Encontro- Tentativas frustradas, pois o ônibus demorou a chegar à Santa Maria e assim que o grupo chegou às crianças já haviam ido embora, para que não atrasassem para escola, daí guardamos o tempo para o planejamento da próxima atividade e ajudar com o Sr. Aroldo a preparar as carteirinhas dos meninos

que vão disputar o campeonato de Santa Maria e saímos para visitar as famílias de alguns meninos inscritos no projeto, convidamos os pais para uma reunião que aconteceria na ONG. A partir a criança que quiser participar das atividades os pais deverão preencher uma ficha de inscrição, para controle da associação.

- Quinto Encontro - Iríamos realizar a palestra com o tema Esporte sim, Violência Não. Ver anexo plano de trabalho I – mas devido ao falecimento súbito de nosso querido amigo Raimundo José, cujo mesmo participou ativamente do grupo por dois semestres anteriores, não estávamos emocionalmente preparados para realizar a atividade, então reunimos todos os grupos e as pessoas da associação para planejar as atividades de encerramento na AASM, que seria uma feira de troca.

- Sétimo Encontro - Encerramento das atividades práticas em Santa Maria, chegamos mais cedo do que de costume e sem hora para acabar, conseguimos arrecadar muitas roupas sapatos bijuterias para o bazar, outras pessoas da comunidade foram expor seus produtos. O grupo do futebol realizou uma oficina de pipa com as crianças, a tarefa teve êxito total em seu planejamento e execução, tanto na confecção do produto quanto no interesse, tivemos tempo para discutir a temática com as crianças. Ver anexo plano de trabalho II.

Ao planejarmos a oficina, pensamos em uma atividade que pudéssemos despertar o interesse em participar da mesma, então surgiu à ideia de confeccionarmos pipa, estávamos confiantes que assim chamaríamos atenção das crianças, esperávamos grande procura, superando nossas expectativas. Antes de começarmos a oficina foi colocado que para um bom resultado os meninos precisariam de muita atenção, cooperação, respeito e solidariedade com o outro.

O último dia na ONG foi para fazer uma análise de tudo que aconteceu durante o semestre, deixamos algumas contribuições e reflexões sobre nossa prática educativa em Economia Solidária, o projeto seguirá e através destas experiências em Santa Maria encerro o projeto IV, que já está me deixando saudades, mas fico com a certeza que a experiência solidária nos proporciona transformações, não só como acadêmicos, mas como cidadãos conscientes de nosso papel para a mudança da sociedade e fortalecimento da autonomia e educação popular.

Diante disso o próximo tópico analisará a relação teoria - prática, desafios encontrados na comunidade e seus respectivos resultados, através da Educação Popular na perspectiva da Economia Solidária.

3.6 DO PLANEJAMENTO DAS OFICINAS TEMÁTICAS AO BALANÇO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Durante as atividades na ONG, foi possível construir ações com a colaboração de todos, esta ligação extensão universitária e comunidade, de fato, pode contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, da construção de conhecimento, e principalmente, para a construção de Tecnologias Sociais, que são indispensáveis às populações em fragilidade socioeconômica.

Muitas foram às questões levantadas pela comunidade para criação e efetivação das políticas públicas visando a novas práticas e saberes sociais para o desenvolvimento crítico dos sujeitos. A vivência na ONG contribui muito para o redimensionamento curricular, por seus métodos de intervenção local e da articulação do ensino/aprendizagem. Tornando um campo fértil para a Educação Popular. Neste sentido Gadotti refere que:

As ONGs são fundamentais para o funcionamento da democracia. Se elas não existissem, criariam um grande vácuo na sociedade, haveria um grande prejuízo para as populações mais pobres e muitos serviços públicos essenciais não seriam prestados. Além do mais, na democracia, os cidadãos têm o direito de se organizar para intervir na vida pública. (GADOTTI, 2009, p.96)

Através desta integração, ONG, Educação Popular em Economia Solidária, comunidade e Universidade é possível articular formas mais eficiente e competente, dentro de seus espaços e em conformidade com seus fins, em favor do bem comum, acentuando a questão da educação, permitindo modernas e extensas possibilidades de práticas educativas.

A Educação Popular voltada para solidariedade tem oferecido várias possibilidades dentre elas a reforma dos princípios de escolarização no formato público. O grande desafio para transformação da realidade social é pensar a educação junto com os envolvidos no processo, maneiras de rompermos com

ideologias dominantes. Buscando práticas mais humanas, onde o sujeito se reconheça como agente transformador.

No decorrer dos projetos na Associação, desenvolvemos várias ações como a revitalização da ONG, as oficinas de reciclagem, de pintura, de biscuit, bazar, dentre outras, durante as atividades foi possível perceber a falta de compromisso de muitos envolvidos, faltando a cooperação por parte da comunidade e dos alunos, já que o intuito era trabalhar juntos na obtenção de um único objetivo. Quem realmente assumiu o compromisso ficou sobrecarregado, faltando também um dos princípios do trabalho coletivo da Economia Solidária que é a autogestão.

Os pais dos alunos, os alunos dos cursos e os associados não participam dos debates e ações, só aparecem quando precisam dos serviços da ONG, deixando tudo a cargo da diretora Amparo. Dessa maneira Gadotti destaca que:

A participação, quando existe de fato, é necessariamente educativa. Em outras palavras, a participação educa, porquanto propicia níveis cada vez mais elevados de consciência e organicidade. Na medida em que se produz essa participação consciente e orgânica do grupo comunitário, dar-se-ão ações concretas de transformação social, e dessa maneira, consegue-se influir, direta ou indiretamente na transformação da realidade. (GADOTTI, 2005, p.27)

Freire define a educação como ato de conhecimento, transformação social e democratização da educação é apenas um dos legados da educação popular a pedagogia crítica universal. Não podemos dizer que o desenvolvimento do processo educativo é fácil nos espaços não formais, pois os sujeitos precisam estar envolvidos de verdade com a ação, indo muito além do querer fazer, a prática pela prática, deve existir a reflexão e o comprometimento, ainda a esse respeito Gadotti contribui dizendo que:

A ausência de práxis indica que um grupo não está se educando. Essa é a pedra de toque de seu avançar político. Pode-se dar produtividade sem práxis, mas o que não se pode dar sem práxis é o conhecimento (realização) humano e o compromisso político. (GADOTTI, 2005, p.28)

Para que ocorra a mudança do nível de consciência e social é preciso que haja o enfrentamento ação-reflexão-ação. Um outro problema percebido durante as

ações é que muitas pessoas da comunidade veem a Associação de forma assistencialista, pais das crianças, alunos do EJA, etc. Dessa forma Freire acredita que:

O grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a “abertura” de sua consciência que, nas democracias autênticas há de ser cada vez mais crítica. (FREIRE,1975, p.57)

Este não é o sentido da Educação Popular e solidária, que busca o diálogo crítico, solidariedade, união e a saída da condição de oprimido, atuando através de práticas educativas, buscando a libertação individual e coletiva, em prol do bem comum.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor e se engaja na luta, organizada pó sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita, ao nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece é que esta não seja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho e de reflexão para, que seja práxis. (FREIRE,1975, p. 52).

Pensar a Educação na perspectiva da Economia Solidária tem como finalidade, a educação para as relações horizontais onde todos tem o mesmo nível de argumentação, o direito de falar e escutar que segundo Singer:

A prática da economia solidária exige que as pessoas que foram educadas para o capitalismo sejam reeducadas. Essa reeducação tem de ser coletiva, pois ela deve ser de todos os que efetuam em conjunto e transição, do modo competitivo ao cooperativo de produção e distribuição. (SINGER, 2005, p. 16).

Mas para que esse verdadeiro aprendizado ocorra é preciso que ele se de no campo prático indo além do teórico, pois a economia solidária só existe quando realmente há a reciprocidade entre as pessoas. A partir das experiências vividas na

comunidade, constata-se que o educador ou Pedagogo Social deve promover uma comunicação democrática, comunitária e solidária. Não deixando de lado o fortalecimento das políticas públicas, que se fazem necessárias para efetivação da educação que queremos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que este trabalho na comunidade se consolidasse, foi importante vestir a camisa da Educação Popular e Solidária. Tenho certeza que não contemplei neste trabalho nem a metade das possibilidades decorrentes desta união, mas com certeza os que trouxe nos levam a crer que ambas caminham na direção da formação de um cidadão crítico.

Não nos restam dúvidas de que essa nova realidade do mundo social e do trabalho contribui, de forma relevante, para o fortalecimento de sujeitos sociais conscientes de seus direitos e deveres, realmente comprometidos com o coletivo, não pessoas acríticas que aceitam tudo o que lhes é imposto, sem reação. A economia solidária deve ser concebida como alternativa superior ao capitalismo deve ser vista como um projeto de vida.

Através das experiências pedagógicas é fácil perceber que são possíveis novas formas de reprodução. Mas é preciso várias mudanças, a começar pelas escolas com gestões verdadeiramente democráticas, de educadores com novas visões e pensamentos que por meio de diálogo e realidade concreta do educando e comunidades em geral, afim de chegar a um nível em que o grupo social transforme a realidade de forma cooperativa, colaborando para formação de sujeitos mais humanos e solidários. Mas para que essa atividade tenha efeito ela necessita estar ligada a transformação mais ampla da sociedade.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos, Rodrigues. Cultura Rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora / Carlos Brandão / Raiane Assumpção. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire – 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1986. Educação Popular. 3ª ed. SP, Brasiliense s.a.

BRASIL, Constituição. Texto Constitucional de 5 de Outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/12 a 23/99 e Emendas Constitucionais de Revisão nº 1ª 6/64. Constituição de 1988, Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições técnicas, 1999.

GADOTTI, Moacir. Economia Comunitária e Economia Popular. Moacir Gadotti e Francisco Gutiérrez (orgs.)- 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, Moacir. Economia solidária como práxis pedagógica. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

FBES. Forum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em: < <http://www.fbes.br/> acessado em 09/11/2012

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática de Liberdade. 5ª ed. Paz e Terra Ltda. 1975.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 45ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

http://www.paulofreire.org.br/artigos_parte01.pdf

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE, Censo Demográfico 1970/2005. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatística/população/censo2000/tendencias_demograficas/tabela03.pdf. Acesso em: 30 de Outubro de 2012.

KRUPPA, Sonia M. Portella. Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos. Brasília: Inep, 2005. 104p.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/LEIS/19394.htm>. Acessado em 7/11/2012.

PAIVA, Vanilda Pereira. Educação Popular e Educação de Adultos. 5º ed. São Paulo: Loyola, Ibrades, 1987.

RIZZINI, Irene. Crianças e menores: do pátrio poder ao pátrio dever. Um histórico da legislação para a infância no Brasil (1830- 1990). In: PILOTTI, Francisco J.: RIZZINI, Irene. A arte de governar crianças: a história das políticas e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Niño, 1995, p. 99-167.

SINGER, Paul. Introdução a Economia Solidária/ Paul, Singer. 1ª Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, ANA, INÊS. *Relação entre educação popular e movimentos sociais na perspectiva nas de militantes – educadores de Curitiba. Um balanço das décadas de 1980 e 1990 e os desafios da realidade atual.* Disponível em: http://www.cefuria.org.br/site/documentos/educ_pop_mov_sociais_ana_ines.pdf. Acesso em 13 de Dezembro de 2012.

ANEXOS

OFICINA DE RECICLAGEM

A oficina estava definida para ser inserida no contexto de atividades pedagógicas realizadas com os frequentadores da associação: crianças, adolescentes e adultos que se dispuserem a contribuir com a coleta de garrafas pet para a realização da mesma. O objetivo era de promover um melhor aproveitamento do material reciclado, contribuindo para a formação crítica e consciente do indivíduo, do seu papel na sociedade, principalmente quando está voltada para a conservação e proteção do meio ambiente. Além de proporcionar uma atividade lucrativa para as festas de final de ano.

Utilizar a técnica de reciclagem da garrafa pet como alicerce pedagógico, possibilitou aos presentes na oficina, uma experiência de cidadania concreta, colocando-os em relação com o mundo do trabalho e concebendo a possibilidade de interação com o mundo para transformá-lo. Através de experiências concretas e reflexivas a construção do saber no que diz respeito à lógica da vida profissional na realidade na qual estamos todos inseridos.

Essa atividade incentiva à população a reutilizar e não desperdiçar esse material. Além de envolver pequenas comunidades, como grupos de criação artesanal, cooperativas de coleta de produtos recicláveis e condomínios com coleta seletiva, proporcionando renda, assim como, terapia ocupacional.

Nesse momento o papel do educador é um exercício da escuta e da observação (atuando de forma sutil). Devendo ser claro e transparente, ser criativo propondo motivação e seduzindo os educandos à realizarem as atividades.

No primeiro momento é muito importante, garantir o acolhimento denominado "aconchego pedagógico" que possibilite aos participantes, individualmente ou no grupo, falarem de suas histórias de vida. Através dessas, é possível avaliar a

situação do grupo e de cada indivíduo e ainda prever elementos a serem trabalhados.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Os primeiros momentos da oficina foram às apresentações de todos os materiais que seriam utilizados para o desenvolvimento dos trabalhados. O segundo momento foi informar aos participantes sobre o processo desenvolvido na oficina, o tempo previsto e as etapas técnicas da aprendizagem.

NA OFICINA DO PUFF UTILIZAMOS:

32 garrafas pet
2 rolos de fita durex larga
1 folha de papelão grosso
1/2 metro de espuma com 5 cm de espessura
1 metro de curvim

COMO FAZER:

1º Passo: Procure a marca superior da garrafa pet, ao longo de seu contorno, e corte neste local. Encaixe a tampa da garrafa no fundo, de cabeça para baixo. Faça isso em todos os recipientes.

2º Passo: Logo após, reúna pares de garrafas e passe a fita durex nas extremidades até ficar bem firme.

3º Passo: Depois de reunir os pares, faça o mesmo com quatro garrafas. Passe a fita durex até firmar todo o grupo.

4º Passo: Agora, você fará o mesmo, mas reunindo os blocos de quatro garrafas em um único bloco, fazendo o formato quadrado do Puff.

5º Passo: Corte a espuma e o papelão do tamanho do Puff. Forre a parte de cima com a espuma e cole o papelão. Costure o curvim nas mesmas medidas do Puff e encape.

OFICINA DE BOLAS DE NATAL:

Material:

12 garrafas pet iguais (melhor usar as garrafas com 5 gomos no fundo)

Arame de amarrar saco de pão

Estilete.

Tesoura.

Ferro de solda.

COMO FAZER:

Faça um corte com o estilete na marcação do fundo da garrafa.

Use a tesoura para cortar toda a volta.

Com o ferro de solda, faça 5 furos próximos à linha que você cortou usando como referência o vão entre os gomos.

Junte as partes com os pedaços de arame.

Não deixe nenhum furo sem amarração.

Dependendo do acabamento, você pode usar a bola como lustre, vaso, enfeites para festas e o que mais sua imaginação desejar.

OFICINA DA ÁRVORE DE NATAL:

Material:

15 Fundos de garrafas de variados tamanhos;

Tesoura;

Arame grosso;

Tinta acrílica verde;

Ferro de solda.

COMO FAZER:

Depois de cortado todos os fundos, fazer um corte com a tesoura entre os gomos, virar as pontinhas para dentro dando uma amassadinha formando o bico da estrela. O arame tem que estar dobrado na ponta que ficará para baixo para não deixar os fundos saírem, Furar com o ferro de solda todos os fundos e começar a montagem, onde os mesmos serão encaixados no arame por tamanho de fundo sendo primordial a sequência do maior para o menor. Fazer os arremates finais, prendendo todos os fundos e enfeitando como desejar.

Todos os objetos desenvolvidos nas oficinas serão doados para a criação da brinquedoteca da associação e ficarão disponíveis em um espaço reservado para este fim.

GRUPO DO FUTEBOL

PLANO DE AULA I

TEMA: Esporte sim, Violência Não.

OBJETIVO DA AULA: Ajudar as crianças a perceberem que são capazes de praticar esportes sem violência.

TEMPO DA AULA: 45 minutos

MATERIAL: Retroprojeter, notebook, folhas A4, lápis, canetas e giz de cera.

1º momento: (10 minutos)

Indaga-los quem já presenciou uma cena de violência na prática de algum esporte.

(trazer algum texto sobre o assunto)

2º momento: (10 minutos)

Perguntar a opinião deles porque isso acontece.

3º momento: (10 minutos)

Construir juntos possíveis soluções para evitar a violência no esporte onde cada um escreve uma frase ou palavra significativa representando valores que precisam estar presentes na prática de esportes, como respeito, motivação, união etc. Caso alguma criança não saiba escrever pode desenhar uma ação positiva contra a violência no esporte. (no termino desta atividade colar as folhas no quadro ou em uma parede visível para analisarmos a nossa construção de conhecimento sobre o tema abordado)

4º momento: (15 minutos)

Mostrar 4 vídeos, sendo 2 de situações de violência (negativa) e 2 de amizade e união (positiva) no esporte. A cada vídeo concluir o que ele transmite e trazer críticas e interagir com os educandos para que haja a mediação e troca de conhecimento. (Além de vídeos podemos utilizar figuras representativas, dialogando com imagens).

Obs.: Nesse momento podemos fazer um lanche com eles enquanto assistem aos vídeos.

AVALIAÇÃO DA AULA:

Depois de uma rápida conversa concluindo a aula reforçar aos alunos que todos somos capazes de sermos ótimos jogadores e que para aumentar a nossa capacidade e habilidade é preciso evitar brigas e banir a violência do esporte. Incentivá-los a transmitir a todos os amigos a importância de não sermos agressivos nem violentos em nenhum momento de nossas vidas, sempre dialogarmos na busca de soluções amigáveis principalmente no esporte para alcançarmos ainda um melhor rendimento nos jogos, sempre com espírito de união.

Afirma o Escritor Paiva Netto: Esporte é Vida, Não Violência!

PLANO DE AULA II

ÁREA: Artes e Cultura

TEMA: Aprendendo a confeccionar PIPA

DURAÇÃO: 60 min. Aula

OBJETIVOS:

Ensinar e/ou mostrar a crianças, jovens e adultos como confeccionar a PIPA;

Conscientizar os jovens do uso correto da PIPA, apresentar riscos, mostrar aspectos da realidade;

Relacionar a PIPA no conceito de comércio e aplicá-lo na 1º feira de economia solidária da cidade de Santa Maria DF.

METODOLOGIA:

Oficina com o uso de materiais necessários a realização do produto, seguido de aula expositiva a respeito da conscientização e do uso do material.

PROGRAMAÇÃO:

Primeiro momento: realizar o processo de inscrição para a oficina de PIPA, e organizar as turmas que serão cerca de 5 a 10 pessoas por turma.

No total serão três 03 turmas durante o dia.

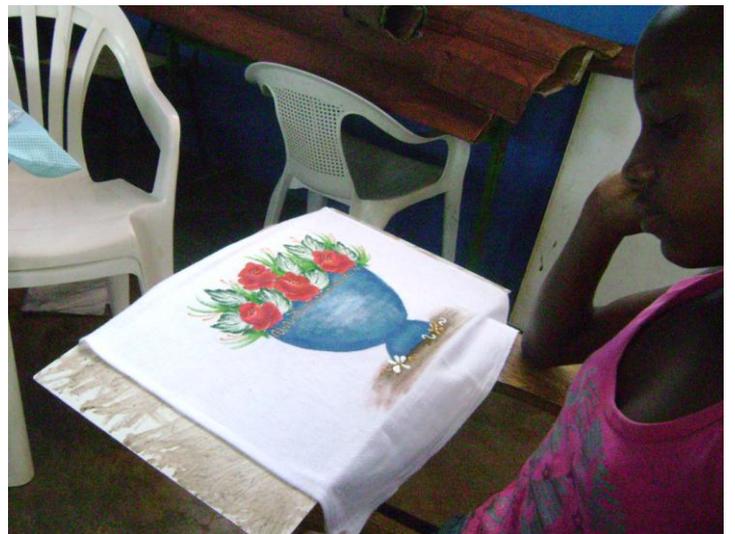
ATIVIDADE:

Apresentar os materiais necessários na confecção são eles: (linha , tesoura, cola, papel de seda e folha de buriti), após a explicação a proposta é de ensinar e acompanhar passo a passo como confeccionar a PIPA, iniciando com a armação da pipa e finalizando com a encapação dela. Posteriormente apresentar a realidade relacionada a PIPA e palestrar sobre suas implicações na sociedade. E por fim, utilizá-la como moeda de troca na 1º feira de economia solidária da cidade de Santa Maria – Df.

AVALIAÇÃO:

Partindo da construção do conhecimento produzido a partir desta oficina, será utilizada, como ferramenta de avaliação, a construção prática do produto. Neste sentido cada participante da oficina terá o direito de confeccionar duas PIPAS, sendo uma para consumo próprio e outra para a comercialização na feira de troca, desta forma, se verificará não apenas o aprendizado da PIPA em si, a cooperação, solidariedade, união e como também as diversas relações que envolvem o contexto social do ser humano, Sendo capaz de utilizar suas próprias ferramentas ou em conjunto, a mão de obra para criar, comercializar e ainda compreender suas implicações e seu papel dentro de um ambiente coletivo.







PARTE III
PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL
LUTAR POR UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE E SOLIDÁRIA

LUTAR POR UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE E SOLIDÁRIA

A expectativa que me acolhia como caloura no curso de Pedagogia, novamente se apresenta, agora como formando, pois é comum a excitação frente a toda nova etapa da vida. No início de um curso superior esperamos eliminar as incertezas e dúvidas, porém aprendemos que a prática acadêmica nos insere em um ciclo de questionamento, em que a dúvida nunca se extingue.

Ao mesmo tempo em que alimento esta expectativa pelo novo, cresce em mim o sentimento de mais uma etapa cumprida da minha vida. Minha trajetória de vida aponta para um fato: sem educação é difícil viver com qualidade. Para que haja educação de qualidade são necessários profissionais comprometidos e bem formados. O professor é um dos profissionais que mais influencia a educação formal de uma pessoa, portanto ele precisa ter convicção de que seu trabalho pode ajudar muito na formação integral do estudante. Quando o professor tem a clareza de seu papel na sociedade ele consegue desenvolver um trabalho sério e transformador.

Desejo ser uma educadora que transforme realidades e que contribua o máximo para que o estudante tenha uma vida digna, sábia e cidadã. Sei que não é fácil estar em uma sala de aula com vários alunos heterogêneos e trabalhar a partir da vida de cada um deles, mas é possível alcançá-los com planejamento e estratégias diversificadas tendo como objetivos a aprendizagem e com suporte dos princípios da Economia Solidária alcançar a formação cidadã, individual e coletiva.

No decorrer do trabalho conheci pessoas engajadas com a prática educativa, estas lutam por uma educação de qualidade focada no sujeito, por outro lado presenciei momentos conflitantes e adversos. A experiência na comunidade me tornou uma pessoa mais humana e solidária e me fez ver a importância que tem a educação, o respeito e valorização do outro.

Tenho muitas pretensões, na área da educação e desejo alcançar meus objetivos. Sei que irei enfrentar como educadora muitas dificuldades, mas não deixo de acreditar na educação. Precisamos respeitar cada educando com seus saberes e experiências dentro e fora da escola. É com essa esperança, que pretendo atuar sempre disseminando as sementes da Economia Solidária e que os momentos de dificuldade sirvam de aprendizado e cada conquista sirva de incentivo para novas descobertas e novos sonhos.